



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE FEDERAL EM Ciências  
CURSO DE MUSEOLOGIA**

**JUSSARA SANTOS PIEDADE**

**REFLEXÕES SOBRE A CURADORIA MUSEOLÓGICA NO MUSEU  
DE ARTE SACRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA(MAS/UFBA)**

Salvador  
2018

**JUSSARA SANTOS PIEDADE**

**REFLEXÕES SOBRE A CURADORIA MUSEOLÓGICA NO  
MUSEU DE ARTE SACRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DA BAHIA (MAS/UFBA)**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suely Moraes Cerávolo

Salvador  
2018

Piedade, Jussara Santos

Reflexões sobre Curadoria Museológica no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA) / Jussara Santos Piedade. -- Salvador, 2018.

71 f.

Orientadora: Suely Moraes Cerávalo.

TCC (Graduação - Museologia) -- Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.

1. Museu de Arte Sacra/ UFBA. 2. Musealização. 3. Curadoria Museológica. 4. Salva-guarda e Comunicação. I. Cerávalo, Suely Moraes. II. Título.

JUSSARA SANTOS PIEDADE

**REFLEXÕES SOBRE A CURADORIA MUSEOLÓGICA NO MUSEU  
DE ARTE SACRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 22 de novembro de 2018.

---

Orientadora. Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Suely Moraes Cerávalo  
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.  
Universidade Federal da Bahia

Prof. Mr<sup>o</sup> José Joaquim de Araújo Filho  
Mestre em Museologia- Universidade Federal da Bahia

---

Edjane Cristina Rodrigues da Silva  
Mestre em Artes Visuais- Membro Externo  
Universidade Federal da Bahia

*Dedico este trabalho a minha mãe  
Juracy e meu querido filho Eduardo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter sido minha base e sustento nesse período de graduação. Sua Presença em minha vida me orientou, guiou e protegeu meus passos.

Agradeço a minha orientadora professora Suely Cerávolo, pessoa que me identifiquei logo no início do curso, seu olhar sensível e atenção perceberem minhas dificuldades e ajudaram a superá-las. Obrigada pelas trocas de ideias e incentivos, sem sua ajuda eu não teria conseguido chegar até aqui.

Em especial a minha família, a minha mãe Juracy, e ao meu pai Edvaldo pelo apoio e cuidado que me proporcionaram nos momentos difíceis; ambos são meu exemplo de vida. Ao meu irmão Ednaldo pela disponibilidade e estímulo. A meu esposo Irineu Oliveira, que sempre esteve ao meu lado, nunca desistiu de me apoiar, sua dedicação e paciência deram-me forças para persistir. Sem vocês nada disso teria sentido e jamais seria possível!

Meu muito obrigada a todos os professores do curso de Museologia da UFBA, em especial Ana Paula Silva, Graça Teixeira, Joseania Miranda, Marcelo Cunha e Sidélia Teixeira que me ajudaram a trilhar este caminho.

Aos colegas de graduação por terem me acompanhado nesta jornada: Celeste, Denise, Dilma, Felipe, Laíne, Lara, Milena, Walba, Vinicius obrigada pela grata e afetuosa convivência nos momentos de aprendizagem da academia e da vida. Compartilhamos saberes meu povo!

Em especial gostaria de agradecer as minhas amigas Fernanda Athayde, Luíse Pereira e Raquel pelos risos e alegrias sustentados no período de graduação. Esses momentos estarão presentes nas minhas melhores recordações.

A minha amiga Jéssica Teles pela paciência e amparo em todos os momentos alegres e difíceis da graduação.

Aos meus amigos de infância que ingressaram na academia Sivaldo Reis e Sylvania Reis por toda contribuição dada aos momentos de troca de aprendizagem.

A bibliotecária Dilzaná Oliveira pela atenção recebida a cada pedido e dúvida em relação as obras na Biblioteca Isaias Alves; sua colaboração foi fundamental no percurso da minha graduação.

Agradeço aos profissionais do MAS /UFBA, o modo como auxiliaram as informações para construir esse trabalho, em especial as museólogas Edjane Cristina, Isabela Marques, Jucileia Souza e Cergelina Souza por terem me acolhido e contribuído para minha formação, pela amizade e respeito. Ao diretor do MAS, Prof. Dr. Francisco Portugal por prontamente ter atendido meu pedido em fazer o trabalho no museu.

Enfim, ao meu filho Eduardo (1 ano e 8 meses) pela presença em minha vida e ter me transportado para um universo de infinito amor, dedicação e por muitas vezes paciência. Nunca esqueça que mesmo diante das dificuldades a cada passo que eu der, celebro sua chegada em minha vida.

Obrigada a todos!

*Ouve o conselho, e recebe a instrução, para que  
sejas sábio nos teus dias por Vir. Muitos  
propósitos há no coração do homem, mas o  
desígnio do Senhor permanecerá.*

*Provérbios -20,21*



PIEDADE, Jussara Santos. Reflexões sobre a Curadoria Museológica no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia. (MAS/UFBA).71f.Trabalho de Conclusão de Curso .Curso de Museologia. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

]

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir a musealização e a curadoria museológica do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA), procurando entender o planejamento, organicidade e o gerenciamento das atividades de Salvaguarda (documentação, conservação de acervos e segurança nos museus) e Comunicação (exposição e ação cultural e educativa) com vistas a relacionar as perspectivas de autores que discutem o tema curadoria em museus e, em seguida, a operacionalização na prática nesse museu universitário.

**Palavras-chave:** Museu de Arte Sacra/UFBA, Musealização, Curadoria Museológica, Salvaguarda e Comunicação.

PIEDADE, Jussara Santos. Reflections about museological Curatorship of the Museum of the Museum of Sacred Art of the Federal University of Bahia (MAS/UFBA). 71j.yl Course Completion Work. Course of Museology. Faculty of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Bahia, Salvador, 2018.

**ABSTRACT:**

This work aims to present and discuss the musealisation and museological curatorship of the Museu de Arte Sacra from Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA). The main goal is to understand the planning, organicity and management of activities of Safeguarding (documentation, conservation of collection and security in museums) and Communication (exhibition and cultural and educational action) in order to connect the authors' perspectives that discuss the theme curatorship in museums and, subsequently, the operationalization of the practice at MAS/Ufba.

**Key-Words:** Museu de Arte Sacra/UFBA, Musealisation, Museological Curatorship, Safeguarding and Communication

## Lista de ilustrações

Figura 1-Fachada Lateral do MAS/UFBA .....	20
Figura 2-Vista aérea do Museu de Arte Sacra .....	21
Figura 3-Pátio do MAS/Claustro.....	26
Figura 4 Igreja de Santa Teresa.....	27
Figura 5- Setor de Restauro e Conservação MAS/ UFBA.....	28
Figura 6 -Sala de Exposição Temporária MAS/UFBA .....	29
Figura 7- Sala de Exposição Valentin Calderón .....	29
Figura 8- Sala de Exposição Frei Agostinho da Piedade .....	30
Figura 9 - Sala de Expósitoção da Sé .....	31
Figura 10- Sala de Exposição da Prataria ou Sala Forte .....	31
Figura 11- Setor de Ação Cultural e Educativo .....	32
Figura 12- Reserva Técnica MAS/UFBA .....	33
Figura 13 - Setor de Exposição do MAS/UFBA.....	33
Figura 14- Setor de Documentação Museológica .....	34
Figura 15- Visita da Rainha Elizabeth II, ao MAS no ano de 1968.....	36
Figura 16 Gráfico Organizacional do MAS .....	37
Figura 17- Diagrama adaptado do Processo de Musealização .....	41
Figura 18- Diagrama do Plano de Montagem.....	52
Figura 19- Biblioteca Dom Clemente Nigra .....	58
Figura 20- Desumificador .....	59
Figura 21- Purificador de Ar .....	60
Figura 22- Carrinho de Transporte MAS/UFBA.....	61
Figura 23- Reserva Técnica do MAS/UFBA.....	63
Figura 24- Armários vazados deslizantes com gavetas .....	63
Figura 25- Imagem do Site .....	66
Figura 26 - Curso de Pintura de Santo de gesso .....	68
Figura 27- Concerto no MAS/ UFBA .....	69
Figura 28- 12 <sup>o</sup> edição primavera dos Museus ongs bahia Street e Sinal Fechado ....	70

## LISTA DE ABREVIATURAS

CIDOC	Comitê Internacional para a Documentação
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IC	Iniciação Científica
MAS	Museu de Arte Sacra
OIM	Oficina Internacional de Museus
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas
PROEXT	Programa de Extensão Universitário
RT	Reserva Técnica
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESCO	Organização das nações unidas para a educação, cultura e a Ciência.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
Justificativa pela escolha do tema .....	15
Objetivos .....	18
Metodologia .....	18
<b>CAPÍTULO 1 - CONHECENDO A INSTITUIÇÃO - MAS/UFBA</b> .....	20
1.1 O Museu .....	20
1.2 Histórico do Museu .....	21
1.3 O acervo .....	23
1.4 Os espaços físicos.....	25
1.4.1 Subsolo .....	27
1.4.2 O primeiro pavimento .....	28
1.4.3 Segundo pavimento .....	32
<b>1.5 A curadoria museológica na Estrutura Organizacional do MAS/UFBA</b> ....	36
<b>CAPÍTULO 2: O QUE DIZEM OS AUTORES</b> .....	39
<b>2.1. Musealização e Curadoria museológica: o ciclo de procedimentos interligados</b> .....	39
2.1.1 Musealização .....	39
2.1.2 Curadoria Museológica .....	42
<b>2.2 Salvaguarda: Documentação &amp; Conservação</b> .....	45
2.2.1 A Documentação Museológica.....	45
2.2.2 Conservação de acervos. Segurança em museus .....	48
2.3 Comunicação: Exposição, Ação Educativa e Ação Cultural .....	50
2.3.1 Exposição.....	50
2.3.2 Ação Educativa e Cultural .....	53
<b>CAPÍTULO 3 - O CICLO DE PROCEDIMENTOS MUSEOLÓGICOS NO MAS/UFBA</b> .....	56
3.1 Salvaguarda - Documentação e pesquisa .....	56
3.2. Conservação e Restauro/Segurança nos Museu .....	58
3.3 Reserva Técnica.....	62

3.4 Comunicação: Exposição .....	65
3.5 Ação Cultural e Educativa.....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>71</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

Durante o curso de Museologia pude participar de várias experiências acadêmicas e profissionais como bolsista: iniciação científica (IC), realizando o levantamento e o registro fotográfico de fontes documentais que foram disponibilizadas para consulta no Instituto Feminino da Bahia, e na Biblioteca dos Barris<sup>1</sup>. No Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA) estagiei como bolsista da Pró-Reitoria de Ensino e Extensão (junho a dezembro 2016), sob a orientação da museóloga Edjane Silva, trabalhando diretamente na Reserva Técnica (RT) e desempenhando o levantamento e a revisão do acervo preservado pela instituição, e acondicionando as peças na reserva.

Essas experiências me levaram várias vezes a contrapor o que se aprende em sala de aula e o que se faz na prática. Por exemplo, sem o levantamento de fontes não tinha idéia dos passos que um pesquisador precisa dar para lidar com os documentos até a escrita de um artigo ou comunicação. No estágio no MAS/UFBA percebi que o apresentado em sala de aula nem sempre condiz com a realidade do dia a dia de uma instituição. Ajustes acontecem desde as possibilidades da edificação para servir de museu as formas diferentes da estrutura funcional ou dos serviços prestados. As instituições museológicas não são iguais; o que não quer dizer, como se verá adiante, que fique de lado o que se compreende por curadoria museológica.

### **Justificativa pela escolha do tema**

Mesmo sabendo que são muitos fatores que influem no funcionamento de um museu optei por refletir, para a monografia, sobre o que compreende a curadoria museológica contrapondo as diretrizes de autores e a prática no MAS/UFBA. Apresento assim a justificativa pela escolha do tema. É importante dizer que não pretendo de forma alguma apontar falhas e menos ainda “erros”. O MAS/UFBA conta com um grupo de museólogas preparadas e que me recebeu com atenção

---

<sup>1</sup> Orientação da profa. Dra. Suely Moraes Ceravolo: 2014-2015 (PIBIC/UFBA) levantamento de fontes documentais para a pesquisa *Processos de musealização e estratégias de preservação do patrimônio cultural baiano (1930-1950 - Plano de Trabalho: A prática privada de preservação do patrimônio cultural da Bahia: o projeto museológico de Henriqueta Catharino para o Instituto Feminino da Bahia*. E do ano de 2016-2017, parte do Plano de Trabalho: *O discurso preservacionista de José Wanderley de Araújo Pinho (1917 e 1947)*.

para com a minha formação. Tomo a liberdade de citá-las nominalmente: Edjane Silva, Isabela Souza, Cergelina Souza e Juciléia Santos. Sou grata a todas elas e a instituição por tudo o que aprendi.

O que se apresentou como desafio pessoal foi compreender como lidar com os ensinamentos das aulas, como acima mencionado, em particular, com os conteúdos da disciplina Documentação Museológica, que propõem a gestão orgânica de todas as atividades de um museu. Gestão orgânica, como diz a profa. Suely “como se fosse o nosso organismo; uma parte ligada a outra”. Como aplicar esses ensinamentos quando interferem os recursos financeiros para cuidar do cotidiano do museu, adaptar espaços disponíveis, compor e coordenar a equipe de profissionais que atuam diretamente com o acervo, contar ou não com o acesso a equipamentos adequados? Como responder as funções básicas que se espera um museu: as de salvaguarda (documentação, pesquisa, conservação), as de comunicação (exposição, ação educativa, ação cultural)?

O MAS/UFBA conta com uma trajetória que vai mais de meio século de funcionamento. Nesse caminho os procedimentos executados nos museus mudaram muito. Na Bahia, por exemplo, José Antônio do Prado Valladares, diretor do Museu do Estado da Bahia (1938-1959), publicou em 1946 – *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos* -, narrando como se cuidava do acervo, das exposições e das relações com o público nos Estados Unidos da América. Não chega a ser um manual, mas, não deixa de ser um divulgador de diretrizes (CERAVALO,2012).

No Brasil de 1980, dois trabalhos foram importantes para os museus no Brasil: *Museus/Aquisição Documentação* da autoria da museóloga Fernanda Carmargo-Moro (1986), detalhando a sistematização e organização da documentação museológica e, um ano depois, *Thesaurus para acervos museológicos* (1987), de autoria da museóloga Maria Helena Bianchi e Helena Dodd Ferrez formada em Ciência da Informação, as duas então técnicas do Museu Histórico Nacional. Uma obra voltada para dar suporte terminológico ao profissional que trabalha no museu, principalmente com a documentação do acervo.

Ao trabalhar com o levantamento e a revisão do acervo na Reserva Técnica (RT) do MAS/UFBA fiquei instigada em conhecer o ciclo de atividades da instituição



e, principalmente, entender o denso trabalho do setor exposição e documentação museológica na prática.

As Reservas Técnicas (RTs), antes depósitos acumulados com coleções para guarda do que não está exposto, foram espaços que se transformaram e aperfeiçoaram para lugares preparados para cuidar da preservação preventiva que segue “regras de adequação de mobiliário e de acondicionamentos, de controle ambiental e de pragas, de localização de todos os itens e de segurança”,<sup>2</sup> assim explicado no *site* do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Seguir as regras de adequação torna-se um desafio para qualquer museu que precisa de condições necessárias tais como infra-estrutura, mobiliário apropriado para armazenamento e acondicionamento, cuidar e manter a segurança, a limpeza exigindo o trabalho diário de conservadores, documentalistas e outros profissionais. A conjunção de procedimentos complexos em uma Reserva Técnica me levou a valorizar a experiência muito produtiva que tive no MAS/UFBA, uma vez que esse espaço museológico requer total atenção para a preservação física e documental do objeto. Sobretudo, por que as coleções são bases de sustentação da instituição e o objeto corresponde a seu instrumento de trabalho. Embora a segurança do acervo seja importante, se a RT for restrita pode inibir o desenvolvimento de estudos que apontem para questões sobre a memória social, identidade de grupo, classes e tradições, caso das instituições que “guardam” os objetos a ponto de escondê-los nas reservas, como problematiza o historiador Umpierre Carlan (2008) refletindo sobre a relação do museu e o patrimônio histórico. O mesmo autor sinaliza que “a memória em si, ligada a aprendizagem ou a uma função a experiência, aprendida no passado, faz parte da preocupação básica com a sociedade” (CARLAN, 2008: p.82).

Com base nessa premissa de que o objeto de museu pode levar à ligações com a memória social, as experiências e os aprendizados se pode destacar o papel dos profissionais em museus em lidar com os objetos para que sejam ferramenta de produção de informação, sobretudo para evocar valores culturais, naturais e científicos para que não se percam ao esquecimento .

Por sua vez, cada objeto possui sua gama de informação e é fundamental o trabalho da documentação museológica neste ambiente. Segundo a museóloga Marilúcia Botallo em *Diretrizes em Documentação Museológica* (2010) há normas e

---

<sup>2</sup> Reserva Técnica um espaço de Preservação de Acervos. Museu da Imigração do Estado de São Paulo Disponível < <http://museudaimigracao.org.br/reserva-tecnica-um-espaco-de-preservacao-de-acervos/>

procedimentos que, colocados em prática, colaboram na organização da estrutura museológica no seu conjunto. Os reflexos dessa organização permitem os museus cumprirem suas tarefas essenciais que são preservar e divulgar seus acervos, o que inclui a conservação, a restauração, o planejamento e execução das exposições, os serviços de comunicação – como o Educativo e os de Ação Cultural – que se ligam uns aos outros. Principalmente em museus que tem no objeto, elementos da cultura material, a ‘matéria-prima’ principal das atividades.

Com a vivência do estágio em mente pude perceber que os procedimentos realizados compõem a chamada curadoria museológica que interliga uma atividade a outra dentro do museu e nelas se reflete.

O intuito deste estudo é destacar os procedimentos considerados como ciclo de atividades da curadoria museológica, divididos em dois grupos: os de **Salvaguarda** (Documentação Museológica, Conservação de acervos e Segurança nos museus), e os de **Comunicação** (Exposição e Ação Cultural Educativa). Em primeiro lugar como visto na bibliografia e, depois, operacionalizados na prática no MAS/UFBA.

## **Objetivos**

O objetivo que guiou o trabalho foi observar mais detalhadamente o ciclo de atividades no MAS/UFBA para descrever os procedimentos técnicos empregados, principalmente os da documentação com o de outros setores inclusive a RT do Museu. Não se trata de apontar as dificuldades, mas, sim, correlacionar o que dizem autores com o realizado na prática. A intenção principal é a de justamente valorizar as atividades da curadoria propriamente museológica. Para isso, procurei observar o planejamento, a organicidade e o gerenciamento das atividades de salvaguarda (documentação, pesquisa, conservação), as de comunicação (exposição, ação educativa, ação cultural) no sentido de evidenciar o processo contínuo de musealização.

## **Metodologia**

Quanto a metodologia adotada sigo a concepção de pesquisa descritiva e explicativa preocupada em “identificar os fatos que determinam ou que contribuem para ocorrência dos fenômenos”(SILVEIRA E CORDOVA apud GIL, 2007,p.35).

Procurei, como dito anteriormente, combinar explicação com descrição recorrendo a posição de autores da área da Museologia (pesquisa bibliográfica), e da observação da prática tal como realizada pelo MAS/UFBA.

Afirmam como Gilberto de Andrade Martins e Carlos Renato Theóphilo (2009:54-55) autores que a pesquisa bibliográfica é necessária para qualquer trabalho científico que procure “explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referencias publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, *sites* (dentre outras fontes)”. Eles recomendam também a tomada de apontamentos em ordem cronológica para que se chegue à interpretação. Usei de gráficos elaborados por mim e pela orientadora com o objetivo de ilustrar determinadas passagens dos procedimentos.

A monografia está dividida em três seções após a Introdução. Na primeira - *Conhecendo a instituição: o MAS-UFBA* - trago aspectos sobre o Museu destacando a edificação e distribuição dos espaços de trabalho e de exposição, a importância do acervo no contexto cultural de Salvador e outras cidades baianas. As informações sobre o Museu foram extraídas da obra intitulada “Biografia de um Monumento o antigo Convento de Santa Teresa da Bahia” (1970) de autoria de Valentin Calderón que fornece ricas informações para entender os períodos de criação do Convento e a Igreja de Santa Teresa levando em consideração as questões históricas e culturais.

Na segunda parte - *O que dizem os autores* – trago a posição de autores ligados a Museologia para apontar as perspectivas sobre Musealização e Curadoria Museológica, procurando as semelhanças e diferenças no que se entende por ciclos interligados. Em seguida as posições e diretrizes para os procedimentos de Salvaguarda e Comunicação, trabalhados na terceira parte - *O ciclo de procedimentos no MAS/UFBA* -, olhando, desta vez, para a prática.

Nas Considerações Finais procuro refletir sobre os ensinamentos da sala de aula *versus* a execução prática que, por sua vez, como diz a profa. Suely – não é só fazer, mas saber pensar e planejar. Nas palavras dela: “não há trabalho técnico sem o intelectual.

## **CAPITULO 1 - CONHECENDO A INSTITUIÇÃO - MAS/UFBA**

### **1.1 O Museu**

Aprende-se ao longo do curso de Museologia que os museus são espaços de articulações e diálogos, servem para promover encontros e idéias e neles se amplia o autoconhecimento das sociedades, ao mesmo tempo em que procuram engajar os diversos públicos e comunidades para refletirem sobre o passado e terem percepção do futuro. Tem a missão em preservar o patrimônio e podem contribuir para a cidadania, despertando diferentes experiências sensoriais.

O Museu de Arte Sacra(figura 01) localizado na cidade do Salvador-Bahia, instalado no conjunto arquitetônico do Antigo Convento de Santa Tereza d'Ávila, foi criado em 1959, através do convênio entre a Arquidiocese de Salvador e a Universidade Federal da Bahia. O conjunto arquitetônico que abriga o museu foi construído no século XVII, entre 1665 e 1667, por iniciativa dos religiosos da Ordem Carmelitas Descalços.

**Figura 1-Fachada Lateral do MAS/UFBA**



**Fotografia: Jussara Piedade (2018).**

## 1.2 Histórico do Museu

Os imprevistos que obrigaram os padres Carmelitas a se estabelecer na Bahia, à falta de uma nau que os levariam à África, acabaram interessantes para a cidade do Salvador. No período em que o Brasil servia como colônia de Portugal, segundo Souza (2015, p.24) a “Bahia servia de parada obrigatória para aqueles que seguiam para outros continentes, pois as correntes marítimas não permitiam que o deslocamento se desse diretamente de Portugal.” Com isso, presos na Bahia sem ter onde se recolher, os religiosos passaram desconfortos e privações e então construíram uma obra magistral, a partir 1660, um dos mais belos conjuntos arquitetônicos em terras conquistadas por Portugal: o Convento de Santa Teresa inaugurado em 1667 e a igreja em 1697.

A edificação situada em uma localização privilegiada, entre a praia da Preguiça e a Cidade Baixa acolhe uma deslumbrante visão da Bahia de Todos os Santos. Até hoje os visitantes do Museu sentem-se atraídos pelo panorama que dali se descortina como podemos perceber na (figura 02).

**Figura 2-**Vista aérea do Museu de Arte Sacra



**Fotógrafo:**Sergio Benutti (2015) /Setor de documentação MAS/UFBA

Durante os primeiros anos de sua permanência na cidade de Salvador os Carmelitas usufruíram de certo prestígio por parte da população baiana. Com o

processo de independência do Brasil, porém, a presença dos religiosos no país começou a se tornar cada vez mais complicada.

A ordem religiosa passou a ser considerada por populares e poderes públicos como suspeita de colaborar com as tropas portuguesas abrigando-os no Convento. A denúncia era séria e poucos eram os documentos que provaram tais acusações. Entretanto, a população hostilizava a presença dos Carmelitas. Assim sinaliza Calderón (1970, p.112) “era o reflexo do ódio popular que desde as lutas Independência vinha perseguindo o convento de Santa Teresa”. Os dias da comunidade dos Carmelitas Descalços estavam contados.

Segundo Calderón (1970) terceira década do século XIX, tinha diminuído drasticamente o número dos teresios não podendo admitir novos noviços, muito menos trazê-los de Portugal, sendo assim não puderam continuar o noviciado. Em 1824, havia apenas oito padres e dois irmãos que em 1836, estavam reduzidos a um padre velho e dois leigos. Com a diminuição da comunidade o governo extinguiu os teresios da província em 1840:

Tantos trabalhos e tantos sacrificios, para conseguir erguer uma morada que, quando construída, deveria parecer eterna àqueles monges portugueses, de pouco lhes serviram, entretanto, perante a transitoriedade das obras humanas: os teresios desfrutaram apenas pelo período relativamente curto de 175 anos. (CALDERÓN,1970,p113).

Com a extinção da Ordem dos Carmelitas o antigo convento de Santa Teresa passou a abrigar o Seminário Arquiepiscopal. Neste período o edifício passou por diversas reformas com o objetivo de promover a ampliação do espaço para a educação. Naquela época, foi considerada uma das mais conceituadas escolas superiores do Império.

Ao passar a administração aos padres lazaristas<sup>3</sup> o convento passou por varias modificações, com derrubadas de paredes interiores e aberturas de portas, o que significou uma descaracterização ao belo monumento.

Com a transferência dos lazaristas para o seminário na Roça de São Gonçalo 1940, o nível educacional do seminário diminuiu bastante, e o Convento de Santa Tereza ficou em estado lastimável, em completo abandono habitado em partes por

---

<sup>3</sup> “A Congregação da Missão, dos Padres e Irmãos Vicentinos ou Lazaristas, é uma congregação internacional de Padres e Irmãos, fundada em 1617, na França, por São Vicente de Paulo. No Brasil, a congregação é referida como a Congregação dos Padres Vicentinos ou Lazaristas” (cf. **A Congregação da Missão (Padres e Irmãos Vicentinos)**). Disponível < <http://www.vocacionalpbcm.com.br/quem-somos/>>. Acesso 02.11.2018

famílias sem muitos recursos. Ainda segundo Calderón (1970, p.143): “Era difícil reconhecer, ali, o esplendor dos dias em que os marianos fizeram dele uma das edificações mais formosas de nossa terra”.

Nessa condição estava em 1958, quando Edgard Santos o reitor da Universidade Federal da Bahia, se interessou em ocupar a edificação que passou por restauração sob supervisão do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), então dirigido e orientado por Rodrigo Melo Franco de Andrade<sup>4</sup>, representado pelo então professor Wladimir Alves de Souza<sup>5</sup> para ali instalar o Museu de Arte Sacra. Sob cuidado da restauração João José Rescala<sup>6</sup>, a edificação do Convento recebeu adaptações para receber novas instalações para os acervos.

O Museu foi inaugurado durante a realização do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso Brasileiro, evento em que estiveram presentes vários intelectuais e diversas famílias tradicionais da época. O intuito de Edgar Santos era promover a preservação, divulgação da arte luso-brasileira, sobretudo, sem perder de vista o seu maior objetivo como reitor da UFBA: “firma-la como instituição produtora de ciência, tecnologia, cultura e arte” (TOUTAIN et all, 2011,p.34). De fato seus esforços deram bons frutos. Em se tratando do Museu as ações colaboram para a integração dos estudantes, pesquisadores e comunidade como lugar de conhecimento e valorização da cultura.

### 1.3 O acervo

Nos primeiros anos de criação do Museu o acervo foi reunido por meio de doações ou consignações de particulares. Quando soube que iria exercer a função de diretor do Museu, o monge beneditino Dom Clemente Nigra viajou para Europa para conhecer o funcionamento dos museus e conseguir coleções para a inauguração (MAIA, 1987:16). Este acontecimento acredita Dom Clemente Nigra

---

<sup>4</sup> Sobre Rodrigo de Melo Franco sugere-se a tese: BAUER, Leticia Brandt. *Homem e o Monumento: criações e recriações de Rodrigo de Melo Franco*. UFRGS, 2015. Disponível < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/134298>>. Acesso 02/11/2018

<sup>5</sup> Wladimir Alves Souza (1908-1994) foi pintor desenhista e restaurador – Coordenou a restauração do convento de Santa Teresa em Salvador e sua adaptação para o Museu de Arte Sacra da Universidade da Bahia . Em 1970, a convite do governador Luiz Viana iniciou trabalho de revitalização do bairro Histórico do Pelourinho, em Salvador. Disponível [http://www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/souza\\_wladimir\\_alves](http://www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/souza_wladimir_alves). Acesso 17/09/2018

<sup>6</sup> João José Rescala (1910-1986) - Pintor, ilustrador, desenhista, restaurador e professor. Em 1956 aprovado em um concurso em Salvador, para professor catedrático de teoria, conservação e restauração de pinturas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA, Salvador). Sobre Rescala VER: BALTIERI, Rosana Rocha. *João José Rescala: teoria, conservação e restauração em Salvador (1952-1980)*. Dissertação. PPG Artes Visuais, EBA/UFBA, 2012. Disponível < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18556>>. Acesso 02/11/2018.

como diretor de reconhecida competência para negociação, trânsito e facilidade para circular entre diversos espaços sociais e culturais da época.

O acervo do MAS/UFBA abrange o período do século XVII ao século XX. Segundo Hernandez et all (2007,p.174) “abriga no seu interior a maior coleção de Arte Sacra do país, constituída não somente pelo seu próprio acervo como também peças de várias irmandades, igrejas de Salvador e outras cidades da Bahia”.

A mesma autora sinaliza que dentre as igrejas e irmandades que compõem o acervo do Museu estão: a Arquidiocese de São Salvador da Bahia; a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, a Igreja do Santíssimo Sacramento do Passo, a Irmandade de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Praia sendo dele sob o regime de comodato isto é, (empréstimo temporário). Tem-se ali também a coleção da Igreja e Convento de Nossa Senhora do Desterro, a Coleção Paróquia Nossa senhora da Soledade, a da Capela do São José do Jenipapo, a de Nossa Senhora da Abadia, dentre outras coleções de colecionadores particulares como Coleção Ana Maria Campos de Olivia Perdigão. Fazem parte ainda do acervo os bens artísticos integrados ao edifício, como altares, vários painéis de azulejos tipo figurativo e de tapete, painéis de madeira, mobiliário, como o grande arcaz da sacristia, pias em mármore, entre outros que ampliam e enriquecem o acervo do Museu. Além de peças de paramentos litúrgicos, ourivesarias, pratarias, ícones, talhas, azulejos, terracota, tempera, pintura a óleos, afrescos, imaginária, marfim, desenhos. Por ser uma coleção aberta o Museu recebe anualmente acréscimos em seu acervo.

Ao preservar os objetos de arte cristã se preserva também a memória e identidade de diversos grupos. As obras estão presentes em ritos, procissões e festas seculares e nos fazem pensar sobre as influências que os objetos implicam nas práticas culturais do povo. Ao preservar e expor as obras de cultura material sacra o Museu remete para aspectos sociais, culturais e religiosos que acontecem no tecido urbano da cidade do Salvador e outras cidades da Bahia, e mesmo de outras regiões brasileiras. Nesse aspecto, as manifestações populares segundo Marcia Socorro Cruz, Julia Santos Meneses e Odilon Pinto (2008: p.16) – tais como as festa religiosas e as profanas -, são comemorações das quais decorrem o fazer artístico e, também, relações sociais que traduzem a linguagem, a expressão do pensar e do sentir de um povo. Tendo isso em mente, pode-se afirmar que o MAS-



UFBA é guardião de um Patrimônio Cultural. Através dos objetos tem-se a possibilidade de apresentar (e construir) relações com o passado (re)memorando acontecimentos ligados a memória coletiva.

No caso do Museu, o que o acervo religioso representa está sempre presente nas festividades e celebrações religiosas católicas, assim, ao cuidar desses objetos a instituição museológica preserva eventos até mesmo cotidianos da nossa história, como por ex: festa da Conceição da Praia e da procissão do Sr. dos Passos sobretudo, o espaço físico da instituição que resistiu a vários acontecimentos importantes da Bahia.

#### **1.4 Os espaços físicos**

Na procura de plantas baixas do Museu de Arte Sacra da Bahia encontrei referência à Paulo Ormino, na obra *Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia* publicada em 1975. (Anexo 1). O que se observa em relação a distribuição da salas é que houve modificações no uso dado ao ambiente, a exemplo da entrada voltada para o mar que abrigava à época, segundo a legenda, a carpintaria e hoje é passagem dos funcionários. Por essa razão, optei em fotografar convidando o leitor a me acompanhar.

Ocupando a antiga edificação do Convento de Santa Tereza o MAS/UFBA é bem extenso com salas distribuídas em amplas dependências internas. Como descreveu Dom Clemente Maria da Silva Nigra, no catálogo guia (1972:11 e 13):

“Pela mais suntuosa portada de pedra da Bahia, encimada pelo brasão e coroa da Ordem Carmelitana, o visitante entra da Rua do Sodré para o recinto acolhedor do adro da igreja e portaria de Santa Teresa, hoje Museu de Arte Sacra. (...) O Convento-Museu é bem extenso, com grandes dependências internas, corredores e galerias, ocupando a sua construção 5.261m<sup>2</sup>. Além da igreja e sacristia, capela interior, sala capitular e vasta biblioteca, o secular edifício dispõe (...) de 17 salões, 12 salas, 12 celas e duas escadarias largas de pedra! (...) Neste grande monumento colonial de quatro pavimentos existem seis portões de ferro, 26 grandes portas de dois batentes, 24 portas grandes e 50 portas regulares; todas essas cem (100) portas são da melhor madeira de lei e de pesadas almofadas. Dezoito grandes janelas de vidro e 128 janelas-postigos são movimento às fachadas e luz e ar abundante e harmonioso conjunto arquitetônico. A pedra para os muros e paredes, como a cantaria das portadas e escadarias, foi tirada das praias vizinhas a Santa Teresa; é de arenito bastante impuro, cheio de conchas e pedrinhas roliças, e até hoje conserva muito salitre.”

Segundo Biaggio Talento e Helenita Holanda (2006: p.104) o Convento foi desenvolvido em torno de um claustro, que contém um imenso subsolo com galerias usadas na captação de água assim veremos na (figura03).

**Figura 3-** Pátio do MAS/Claustro



**Fotografia:**Jussara Piedade (2018)

O espaço físico do Museu se desenha por ambientes amplos e bastante arejados. Por se tratar de edificação construída a meia encosta da montanha, inserida na topografia do terreno e próxima ao mar recebe agradável brisa marítima pela manhã deixando os ambientes frescos e ventilados. Porém, pela tarde em dias de sol, em determinadas áreas, a incidência de luz natural é grande deixando o ambiente quente e pouco favorável para a preservação das coleções expostas requerendo cuidados com a conservação das peças.

Dito isto, a seguir procuramos apresentar os espaços expositivos e as áreas internas de cada setor do ciclo de atividades museológicas deste Museu que se tornou referência e cartão postal da cidade do Salvador.

Pelo fato de que a arquitetura secular que chama a atenção e a área privilegiada para a visão panorâmica da Bahia de Todos os Santos tornou-se, sem dúvida, espaço convidativo para cerimônias. A Igreja de Santa Teresa que compõe o complexo edificado, além de ser o início do espaço expositivo *in loco*, também é utilizada para a realização de casamentos, seminários, concertos musicais.

**Figura -4** Igreja de Santa Teresa



**Fonte:** Facebook.com.MAS/UFBA Acesso 10.nov.2018

Comentamos, em particular, os espaços ocupados pelas atividades museológicas distribuídas em três pavimentos: no subsolo, o primeiro e o segundo pavimento da edificação do Convento-Museu, como o chamou Dom Clemente Nigra. Importante ressaltar que o Museu conta com biblioteca especializada<sup>7</sup>.

#### 1.4.1 Subsolo

Fica localizado o laboratório de Conservação e Restauro responsável pela execução das intervenções necessárias para reparar danos que porventura tenham ocorrido nas peças. Está subdividido em três recintos: na primeira sala os funcionários registram (em computador) os procedimentos realizados em cada peça. O registro tem o intuito de manter o controle de todos os procedimentos técnicos e os materiais utilizados na intervenção dos objetos.

O segundo recinto ocupa área mais ampla, amparada por várias janelas. Ali ocorrem os processos de restauro.

---

<sup>7</sup> No mesmo espaço existiu uma biblioteca, mas o acervo atual não é o mesmo. A biblioteca foi constituída com coleções adquiridas na inauguração do museu, o acervo particular de Dom Clemente Nigra e doações diversas. Sobre a biblioteca sugere-se a dissertação de mestrado Tatiana Bonfim Souza - *Biblioteca do Museu de Arte. Sacra da UFBA: relevância histórica e social*. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos, Salvador, 2015. Disponível < <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/21265/1/Dissertacao%20pos%20defesa%20-%20Revisao%2019%20maio.pdf>.> Acesso: 27/09/2018

**Figura 5-** Setor de Restauro e Conservação MAS/ UFBA.



Fotografia Jussara Piedade (2018)

Na terceira sala encontra-se o lugar para o armazenamento dos materiais utilizados no processo de restauro, além de acolher peças em quarentena ou que precisam esperar para sofrer a atuação de processo preventivo.

#### 1.4.2 O primeiro pavimento

No primeiro pavimento as salas de exposições temporárias ocupam dois ambientes disponibilizados para a mostra de diferentes linguagens artísticas tanto para as exposições do Museu, como também para apresentar trabalhos de conclusão de curso de alunos de graduação e pós-graduação das Artes Visuais, da Museologia e outras áreas de conhecimento da UFBA.

**Figura 6** -Sala de Exposição Temporária MAS/UFBA



**Fonte:** facebook.com/MAS/UFBA Acesso 10/11/2018.

A concepção das exposições permanentes conta com peças do universo sacro católico, organizado em ordem cronológica do século dezesseis ao dezenove. As peças permitem uma leitura e abordagens de diversos elementos das artes até História, religião, arquitetura etc...

Na sala de exposição permanente Valentin Calderón – que homenageia o segundo diretor do MAS (1972-1980). No período que dirigiu o museu Calderón já tinha escrito a obra que contava a trajetória dos Carmelitas Descalços na Bahia e o Convento de Santa Teresa, sobre acontecimentos históricos na Bahia.

**Figura 7-** Sala de Exposição Valentin Calderón



**Fotografia:**Jussara Piedade(2018).

Temos também a sala de exposição permanente Dom Clemente Nigra, o fundador e primeiro diretor do MAS, ficando a frente por 13 anos. Dedicou –se aos estudos e pesquisas sobre história e a Arte no Brasil que influenciou sua administração e dedicação ao museu.

Em seguida, percorrendo o primeiro pavimento, pode-se ir para a sala Frei Agostinho da Piedade<sup>8</sup>, (figura 08) em homenagem ao monge do Mosteiro de São Bento. Considerado um dos melhores ceramistas do século XVII.

**Figura 8-** Sala de Exposição Frei Agostinho da Piedade



**Fotografia:** Jussara Piedade (2018).

Depois a sala da Sé (figura 09) onde estão expostos fragmentos da Antiga Igreja da Sé da cidade do Salvador. A demolição da Igreja da Sé foi tema de debates que duraram anos, envolvendo jornais, políticos e intelectuais, e instituições como o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, e acabou acontecendo em 1933. A destruição causou comoção da população, pois, a Igreja fazia parte da vida coletiva e social da cidade e ali aconteciam casamentos, batizados e missas. Foram anos de história e momentos marcantes que se reduziram ao pó em nome do progresso (PERES, 2009)

---

<sup>8</sup> Escultor português seiscentista, sua obra foi considerada por Clarival do Prado Valladares a primeira manifestação de arte erudita ocorrida no Brasil, e com a “terra brasileira” (Nigra, 1971.p.11). São atribuídos a ele vinte e sete imagens todas em Barro Cozido. Apenas quatro dessas obras, contudo estão assinadas e duas delas datadas. Disponível <http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/frei-agostinho-da-piedade-2/> Acesso 25 out 2018.

**Figura 9 - Sala de Exposição da Sé**



**Fotografia:** Jussara Piedade (2018).

Adiante temos a sala da prataria ou Sala Forte(figura 10) destinada as peças em prata: ostensórios, castiçais, coroas, ambulas, navetas, entre outras. Na sua maioria são objetos litúrgicos que compõem o ritual das missas católicas, produzidos no período do século XVII, até o século XIX.

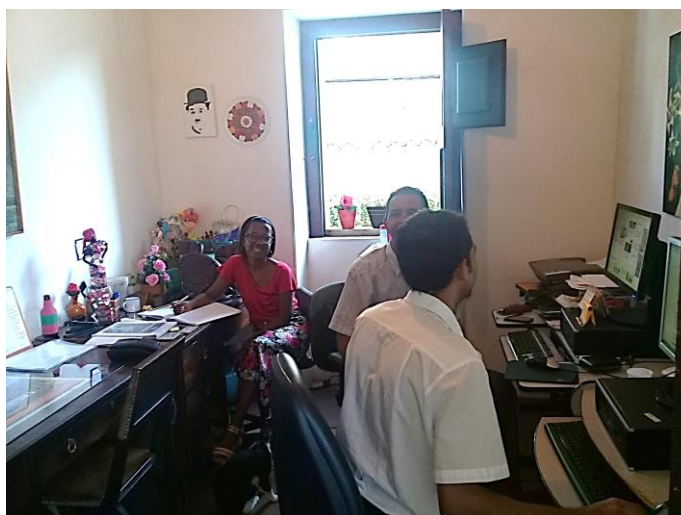
**Figura 10-** Sala de Exposição da Prataria ou Sala Forte



**Fotografia:** Jussara Piedade (2018)

No mesmo pavimento localiza-se o Setor Educativo (figura 11) que faz parte do ciclo de atividades do Museu, com trabalho voltado para organizar as visitas agendadas para as escolas e demais públicos interessados. O setor promove projetos culturais e educativos.

**Figura 11-** Setor de Ação Cultural e Educativo



**Fotografia;** Jussara Piedade (2018)

#### 1.4.3 Segundo pavimento

Chegando ao segundo pavimento estão outras atividades do MAS/UFBA. Neste pavimento se desenvolvem parte das atividades da cadeia museológica que organiza, gerencia e controla o acervo. São recintos ordenados por setores que compõem fases de acompanhamento importantes do objeto dentro da Instituição e fora em caso de empréstimos por exemplo. Dentre eles estão exposição, documentação, pesquisa e a RT. A conservação e restauro este se encontram situadas no subsolo em razão do ambiente com amplo espaço de ventilação.

Nesse pavimento, ao fundo do corredor, na chamada área técnica está localizada RT, equipada com mobiliário sob medida para acondicionar o acervo de acordo com a tipologia e dimensões de cada objeto.



**Figura 12-** Reserva Técnica MAS/UFBA



**Fotografia** Jussara Piedade (2018).

Na mesma ala e ao lado da RT, o Setor de Exposição responsável pela Reserva e que controla a entrada e saída dos objetos, acompanha a movimentação dos objetos e, portanto, cuida da localização juntamente com o Setor de Documentação que guarda e produz informações e fotografias de cada peça do acervo. O setor também propõe e cria exposições e outras atribuições afins.

**Figura 13 -** Setor de Exposição do MAS/UFBA



**Fotografia:** Jussara Piedade (2018).

Em sala contígua o setor de Documentação que se desenvolve toda atividade da documentação museológica, além de trabalhos de pesquisa do acervo. O sistema

de documentação consiste em registrar as peças, manter e atualizar o sistema de informações e atender aos pesquisadores. Como suporte as pesquisas e ao próprio Museu, a sala do Arquivo armazena a documentação relativa à fundação e outros temas em registros manuais e ou digitalizados.

**Figura 14** - Setor de Documentação Museológica



**Fotografia** Jussara Piedade (2018).

Nesse pavimento há salas de exposições. A nomeada José Joaquim da Rocha expando um conjunto de quadros por ele pintados, do século XVIII fundador da Escola Baiana de Pintura<sup>9</sup>, no qual retrata diversas fases da vida de Jesus Cristo. A sala do Antecoro em que estão telas do século XVII, retratando passagens do Velho Testamento. E, em anexo, a sala do Coro que no momento passa pela restauração dos azulejos.

A sala de exposição de Marfim que apresenta em estantes nas paredes a coleção de imaginaria de santos desse material, produzidos nos séculos XVII e XVIII. Depois, a sala do oratório Mineiro com oratórios de diversos tamanhos do

---

<sup>9</sup> “A chamada Escola Baiana de pintura refere-se uma sucessão de pintores atuantes especialmente em Salvador entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX.[...]Dele surge uma Geneologia prévia de artistas, ainda aceita por muitos estudiosos que apresenta o pintor José Joaquim da Rocha(1737-1807) como fundador da escola e responsável por preparar vários discípulos Disponível <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo880/escola-baiana-de-pintura>> . Acesso 25 out 2018.

século XVII. Além de fazer parte desse acervo um presépio de trenós<sup>10</sup> do século XX.

Já na sala do Marfin, conhecida inicialmente como cela do Prior são formados por dois ambientes, uma sala maior na entrada e uma pequena sala composta por uma capelinha particular e um lavabo.

Sala Mirabeau Sampaio é formado por imagens de pequeno porte, com característica erudita, isto é, imagens com mais elaboração na sua forma e onde pode ser observado um conhecimento aguçado na sua técnica. Foram objetos formados por santeiro, e artistas populares que não frequentaram a Escola de Belas Artes.

Na sala Manuel Inácio da Costa<sup>11</sup> diversas esculturas de imagens de Roca ou de vestir (que podem ser vestidas com trajes) com destaque para imagens de Nossa Senhora e Jesus Cristo. Essas imagens geralmente são muito utilizadas em procissões religiosas no calendário católico.

O MAS/UFBA é reconhecido como o primeiro museu universitário da Bahia, segundo Lídia Toutain, Aída Varela e Marilene Barbosa (2011,p.33), como dissemos, restaurado pela Universidade, “foi de imediato considerado o mais completo da América Latina no gênero, guardando em lavra em madeira, ouro, prata e pedra, representativos da melhor arte luso-brasileira”.

O impacto da sua criação ao meio social e sua credibilidade fez com que suas instalações fossem visitadas por diversas personalidades baianas, nacionais e internacionais. Como por exemplo, a visita da rainha Elizabeth II ao Museu de arte sacra da UFBA, em novembro de 1968. Na imagem acompanhada do então diretor Dom Clemente Maria Nigra e demais convidados.

---

<sup>10</sup> É um presépio oriundo de diversas matérias e técnicas em comemoração as festas de fim de ano (Natal). Produzido por Celso Alberto Olívia.

<sup>11</sup> Segundo a obra de Calderón (1975, p.127) “Na rua Bângala 62, onde morreu em 23 de março de 1857 o maior imaginário baiano do século XIX, Manuel Inácio da Costa, autor de inúmeras imagens espalhadas por quase todas igrejas da Bahia.”

**Figura 15-** Visita da Rainha Elizabeth II ao MAS no ano de 1968



**Fonte:** facebook.com/MAS. Acesso 10/11/2018.

O Museu juntamente com o corpo de profissionais vem servindo de laboratório para os alunos de Museologia e Artes Plásticas, História, Arquivologia e Arquitetura, dentre outros cursos da UFBA, para aplicar os conhecimentos adquiridos na Universidade. Além de estágios nos setores técnicos do museu, proporcionam diversas oficinas, cursos e projetos em parceria com os alunos UFBA.

Mesmo o prédio pertencendo a Arquidiocese de Salvador, o convênio firmado com a UFBA, o fato de ali estar o Museu, acredito, potencializa a preservação do patrimônio. Com os trabalhos realizados pela conservação e restauro, documentação, pesquisa, exposição, ação cultural e educativa o Museu garante a segurança e salvaguarda da memória histórica e social dos baianos presentes em seu acervo.

### **1.5 A curadoria museológica na Estrutura Organizacional do MAS/UFBA**

Procuro destacar nesse tópico a relação da curadoria museológica entendida como o ciclo de atividades mais diretamente relativas ao acervo, embora toda estrutura organizacional do Museu esteja voltada para o seu funcionamento<sup>12</sup>. O gráfico abaixo procura assim ilustrar o agrupamento das atividades propriamente museológicas. E a estrutura organizacional esta diretamente associada ao processo

---

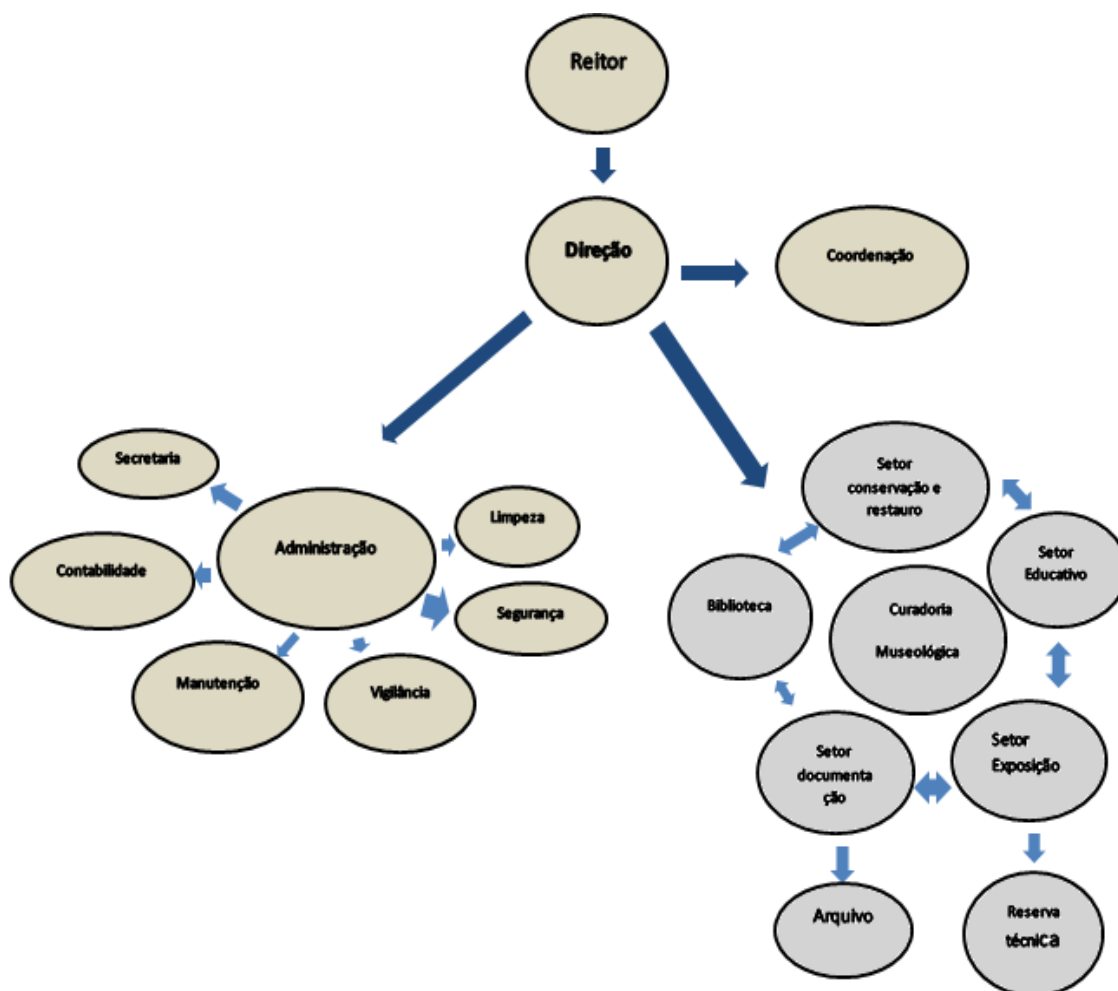
<sup>12</sup> **Diretoria:** Planeja, dirige e supervisiona as atividades tanto administrativas e tanto as ações museais. **Coordenação:** Na ausência do diretor responde pela instituição e coordenada todas as atividades em relação aos eventos no MAS/UFBA. **Administração:** Realiza ações de controle administrativo e operacional do museu.

curatorial do MAS. Visto que sua estrutura não é ligada diretamente a nenhum departamento e ou núcleo de pesquisa. Diferente do Museu Nacional que sua estrutura está ligada aos setores administrativos.

A direção do MAS/UFBA está subordinada diretamente a Reitoria. A direção rege os serviços administrativos e museológicos.

No Museu de Arte Sacra as atividades em relação o acervo estão todos alinhados aos setores que de forma contínua e interligada dar suporte as peças tanto no espaço reserva técnica como dos ambientes expositivos.

**Figura 16** Gráfico Organizacional do MAS



Dados extraídos do Setor de Documentação do MAS/UFBA - adaptados pela autora

A curadoria museológica é tema de discussões na área da Museologia, por essa razão trago na próxima parte conceitos sobre musealização, curadoria museológica e seus ciclos de procedimentos adotados em um museu sob o ponto de vista de diversos autores referência para o tema.

## **CAPÍTULO 2: O QUE DIZEM OS AUTORES**

### **2.1. Musealização e Curadoria museológica: o ciclo de procedimentos interligados**

#### **2.1.1 Musealização**

Com acervo específico de imaginária cristã com diversos detalhes e característica artística que não é de conhecimento por todos parece difícil que o visitante entenda o que significam. Um visitante possivelmente nunca se pergunta quando ou como cada objeto ou coleção foi parar ali. No entanto, dentro do museu acontecem muitas atividades até que o objeto fique exposto. Embora se considere que o objeto produza impactos no visitante, o que está exposto não deixa de ser um código, como se fosse uma linguagem, em que cada elemento representa uma determinada iconografia, atributos específicos, traços de artesãos ou artistas, detalhes de época e acabamentos, materiais diversos.

Ao estudar os procedimentos dos museus sabe-se que, cada objeto em um acervo, recebe identificação, cujos dados são registrados nas fichas técnicas tendo em mente a importância da preservação, seja das informações, seja do suporte, isto é, do próprio objeto. Sabe-se, também, que cada objeto percorreu caminhos, conta, portanto, com trajetórias de feitura e de uso e, nessas passagens, estão múltiplas histórias que a pesquisa pode revelar, embora, a pesquisadora inglesa Susan Pearce (2005), especialista em cultura material, reafirme que nem todas as coleções ou objetos em museus possam responder, com a mesma profundidade, à seqüência de etapas de pesquisa que propõe<sup>13</sup>. De modo simples, pode-se dizer que há o social entre os objetos e os fatos, e nesse social, que dá razão para a existência deles, há muito que pode se perder por desconhecimento, ou propositalmente esquecido já que todo acervo está sujeito a seleções<sup>14</sup>.

Conceito cada vez mais empregado a musealização tem na preservação a maior aliada para assegurar e legitimar o objeto retirado do contexto de uso para o

---

<sup>13</sup> Susan Pearce propõe 8 passos para estudo dos artefatos em museus: 1 – material/construção e adorno; 2 – material – design/ornamentos; 3 – material – caracterização; 4 história; 5 ambiente/contexto (macro e micro); 6 ambiente – localização; 7 significado; 8 Interpretação – papel do artefato na organização social (PEARCE, 2005,p.17). Disponível < [http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/940/1/mast\\_colloquia\\_7.pdf](http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/940/1/mast_colloquia_7.pdf)>. Acesso 02.nov.2018

<sup>14</sup> Notas de aulas ministradas pela profa. Suely Cerávolu.

*status* de patrimônio cultural. Ao serem inseridos nos museus os objetos perdem as funções cotidianas e ganham novas contextualizações.

Loureiro e Loureiro, no artigo *Documento e musealização: entretecendo conceitos* (2013) destacam que, mesmo a musealização sendo uma definição aberta, a principal sustentação recai na estratégia de preservação, ou seja, as âncoras estão na preservação física e na preservação das informações atribuídas aos objetos. Segundo os autores:

“[...] musealização consiste em um conjunto, de processos seletivos em um caráter info-comunicacional baseadas na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas as quais é atribuída a função de documento, e que por vesse motivo tornam-se objeto de preservação e divulgação. Tais processos, que têm no museu seu caso privilegiado, experimentam na pratica a crença na possibilidade de constituição de uma síntese, a partir da seleção, ordenação, classificação de elementos que, reunidos em um sistema corrente, representação uma realidade necessariamente maior e mais complexa.” (LOUREIRO & LOUREIRO, 2013,p.6).

Ulpiano Bezerra de Menezes (1994,p.32) destaca que o eixo da musealização é “o processo de transformação do objeto em documento”, processo esse em que se insere “referências, espaços, tempos e significados numa contemporaneidade que é a do museu, da exposição e de seu usuário”. Premissa que nos trás o objeto museológico como documento, o que leva para outro plano de discussão.

Johanna Smit em *Documentação e suas diversas abordagens* (2008) analisa o conceito de documento, seguindo a linha teórica de três autores que trabalharam com a temática. Smit conclui que em meados do século XX se formulou mais adequadamente o entendimento sobre documento. Nesse texto identifica duas correntes metodológicas: uma pragmática e outra funcionalista. A pragmática está voltada aos registros textuais podendo abarcar os audiovisuais. A funcionalista corresponde ao contexto do objeto de museu como documento tal como defendido por Paul Otlet<sup>15</sup>, que abarca tudo aquilo que poderia ser considerado digno de guarda e preservação, pois representante de uma ação humana ou algum detalhe da natureza. Smit traz também a posição de Suzane Briet que define documento pela evidencia de um fato que atribuí uma propriedade aos objetos. As reflexões de Paul Otlet e Suzane Briet ajudam a entender o objeto para além da materialidade e

---

<sup>15</sup> Paul Otlet (belga; 1868-1944) foi um pioneiro na organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada VER: SANTOS, Paola, 2007. Disponível <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652007000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000200006)>. Acesso 02.11.2018



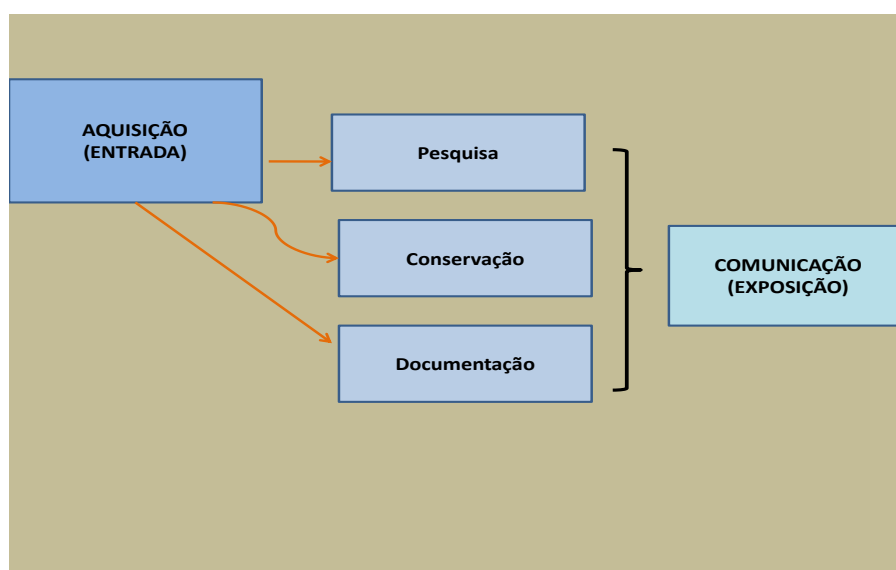
considerar que os objetos revelam questões sociais, culturais e são dignos de atenção sendo que a análise religa os fatos.

Para Ivo Maroevick (2006) o objeto de museu é informação (musealia), soma de significados, e a Museologia relaciona-se com a pesquisa, o descobrimento e a leitura da musealidade (ou significação) escondida, em conexão com os objetos. O autor esclarece que homem investigou a musealidade por meios de variados processos de pesquisa, no sentido de comunicar para pessoas, gerações ou sociedades a fonte de conhecimento que objeto significa. Esse mundo dos objetos não pode ser identificado “como uma coleta relevante de dados científicos” (MAROEVICK, 2006, p.112), mas, sim, na combinação de dados científicos e culturais.

Na obra *Conceitos Chaves da Museologia* (2013, p.56) de Desvalles e Mairisse o termo musealização não está associado a uma mera transferência de um objeto para os limites físicos do museu. Musealizar não diz respeito somente a mudança de contexto, mas, compreende o processo de seleção e atribuição de significado para dar sentido ao objeto. No museu o objeto assume a função de evidencia material e imaterial do homem que corresponde a determinar uma realidade cultural específica, e pode servir como fonte de estudo.

O diagrama abaixo, adaptado de Marília Cury (2005, p.26), sinaliza cada fase que o objeto passa quando da operação de musealização para alçar o estatuto de objeto de museu:

**Figura 17-** Diagrama adaptado do Processo de Musealização



O diagrama apresenta de forma verticalizada as etapas necessárias para musealizar o objeto. Para Cury (2005, p.26):[...]”entende-se o processo de musealização como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação.” Ainda a mesma autora salienta que o processo museológico “é o fenômeno inserido em uma perspectiva processual”, e o processo de musealização ocorre quando o próprio processo [...]“atinge a sociedade e há reciprocidade em relação às ações museológicas”.

Os objetos aos serem inseridos nas instituições museológicas são como pedaços de um mundo físico que se definem pelo valor cultural que lhes é atribuído. No entanto, no museu quanto maior a busca por informações, mais dados poderão ser produzidos dando ao objeto o caráter de documento e vitalidade ampla em diversos contextos dentro da própria instituição museal. Nesse ponto é interessante lembrar as considerações de Susan Pearce acima apresentadas: não se consegue a mesma profundidade de estudo para todo objeto ou coleção de museu.

Seguimos, no próximo tópico, para as versões sobre curadoria museológica na perspectiva de alguns autores.

### 2.1.2 Curadoria Museológica

Não há uma visão única sobre curadoria museológica<sup>16</sup>. A profa. Maria Cristina Bruno associa curadoria museológica à noção de “cadeia operatória”<sup>17</sup> em que a articulação dos [...] “procedimentos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural)” respondem pela coleta, identificação e interpretação das coleções e acervos e são “fundamentais para o desenvolvimento dos museus e das instituições congêneres.”<sup>18</sup>

No tópico *Curadorias: desafio de conceituação e papel institucional* a profa. Sabrina Damasceno Silva (2015) em sua tese, analisa os distintos processos de

---

<sup>16</sup> VER RANGEL, Marcio. Curadoria em museus: múltiplos olhares. (Resenha). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi.** Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 1, p. 191-193, jan.- abr. 2010. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v5n1/a14v5n1.pdf>. Acesso 15.08.2018

<sup>17</sup> “CADEIA OPERATÓRIA” ESTÁ VINCULADA A ABORDAGEM PARA ESTUDO DE TECNOLOGIA LÍTICA. VER SILVA, TALLYTA SUENNY ARAUJO. CONSTRUINDO HISTÓRIAS: CADEIA OPERATÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA DOS MACHADOS LÍTICOS AMAZÔNICOS. **REVISTA DE ARQUEOLOGIA**, VOLUME 25 - N.1: 58-87, 2012. DISPONÍVEL EM [HTTPS://REVISTA.SABNET.COM.BR/REVISTA/INDEX.PHP/SAB/ARTICLE/VIEW/340/320](https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/sab/article/view/340/320). ACESSO 15.08.2018.

<sup>18</sup> BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de Curadoria: Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. Disponível < [www.ibermuseum.org/wp-content/.../07/Unidad1Texto\\_Definicao-de-Curadoria.pdf](http://www.ibermuseum.org/wp-content/.../07/Unidad1Texto_Definicao-de-Curadoria.pdf)>. Acesso 15.08.2018

curadores no Museu Nacional (Rio de Janeiro). Remete-se ao texto de Cristina Bruno e demonstra as concepções diferentes quando se trata de especialistas pesquisadores que podem ou não fazer parte dos quadros de um museu. Para a professora, cujo parâmetro de análise foi um museu científico e universitário, a curadoria de coleções museológicas agrega, de acordo com a tipologia desses conjuntos, “[...]os métodos práticos, técnicos, éticos e jurídicos que possibilitem reunir, organizar, estudar, interpretar e preservar o patrimônio natural representado pelas coleções” (SILVA, 2015,p.76). A autora analisa a curadoria nos processos expositivos no contexto Museu de Historia Natural, e problematiza questões sobre a figura do curador nesses espaços:

A curadoria é parte de uma rede que configura um dispositivo onde os enunciados científicos e os discursos e regimentos institucionais são parte integrante. As ações de curadoria e suas práticas de ordenação e preservação se relacionam com os jogos de regras entre os saberes e a produção de “enunciados”, assim como as formas de produção e circulação de “discursos” enquadrados em verdades produzidas em heterogêneos contextos.” (SILVA, 2015,p.82; **grifo da autora**).

Sabrina Silva explica que o discurso, neste caso, se refere ao que pode ser dito na construção de uma exposição na complexidade de ações que atravessam os processos expositivos em relação ao posicionamento do curador como *expertise*. Nesse aspecto, critica o posicionamento dos curadores como [...]“elemento decisório nessas praticas, aquele que determina, [...] o que será divulgado”[...] e que “se mostra isolado e de certa forma autoritário.” (SILVA 2015,p.81-83). Sobretudo, no que diz respeito à concepção das exposições no museu a que se refere (o Nacional), departamentalizado segundo especializações (Antropologia; Botânica; Entomologia; Paleontologia; Invertebrados; Vertebrados), por sua vez, desdobradas em áreas específicas a cada um desses segmentos<sup>19</sup>. Na composição dos departamentos vale notar que a Seção de Museologia fica em separado, junto às Atividades Gerenciais. Diferente do MAS, que sua estrutura interfere sobremaneira nas questões da curadoria museológica. Nesse caso, a departamentalização por área do conhecimento científico, é encabeçada por professores da instituição, ao mesmo tempo, curadores que encontram no espaço expositivo lugar para divulgar suas pesquisas.

---

<sup>19</sup> VER Organograma do Museu Nacional Disponível em <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/organograma.html>> Acesso 02.nov.2018

Segundo Marília Cury (2005,p.37-38) as exposições construídas por uma pessoa ou pesquisadores que somente eles podem compreender as estruturas classificatórias, tendem a provocar atitude passiva no visitante comum. A mesma autora salienta que, a preocupação com as exposições, na perspectiva da Museologia é oferecer ao público a oportunidade para um comportamento ativo cognitivo (intelectual e emotivo) interagindo com a exposição. Em síntese, procura-se, ou deve-se procurar, a interação entre a mensagem expositiva e o visitante para que a exposição permita uma experiência de apropriação de conhecimento. É necessário destacar que a construção do processo curatorial no contexto expositivo deveria se basear na mútua reciprocidade entre as diversas áreas de conhecimento e que as informações estejam pautadas não somente na singularidade trabalhos científicos de especialistas, mas, sim, nas demandas da sociedade.

Ressalta a profa. Sabrina: “Os limites relacionados às coleções museológicas no que se refere ao aspecto simbólico e material das diversas culturas são questionados ainda partir de seus critérios de coleta, organização e disseminação da informação” (SILVA, 2015, p.87).

A curadoria de museus segundo Nelson Sanjad e Brandão (2008,p.27) está associada à duas questões. A primeira se baseia na [...] “prática de organizar amostras específicas, como também ciclo completo de atividades relativas aos acervos”. E a segunda recai no mesmo aspecto defendido por Cury (2010) em seu estudo, retirado de um documento elaborado por Ulpiano Bezerra de Meneses quando trata de Curadoria:

[...] curadoria é um ciclo completo de atividades relativas o acervo, compreendendo a execução/ou orientação científica das seguintes tarefas formação e desenvolvimento de coleções, conservação física das coleções, o que implica soluções pertinentes de armazenamento e eventuais medidas de manutenção e restauração; estudo científico documentação; comunicação e informação. Que deve abranger de circulação do patrimônio, constituindo do conhecimento produzidos, para fins, científicos, de formação profissional ou de caráter educacional genérica e cultural (exposições permanentes(SIC) e temporárias, publicações , reproduções experienciais pedagógicas ,etc..)”(ULPIANO, 1986 *apud* Cury, 2010, p 274).

Todos os ciclos relativos aos cuidados ao acervo são importantes e dentre elas Heloisa Barbuy (2008) sinaliza a documentação para alimentar pesquisas e ações da curadoria, já que a finalidade do sistema de informação é concentrar toda gama de informação produzida sobre o acervo para agilizar consultas, disseminar informações e colocá-las à disposição dos interessados. Depois, devolvê-las para a

comunidade de pesquisa, a própria curadoria museológica e outros tipos de usuários.

O acervo encontra nos procedimentos da curadoria museológica no seu conjunto o fator fundamental para dar sentido ao objeto no museu, produzindo novos elementos de informação.

Conclui-se que, a curadoria museológica, corresponde a um processo contínuo e cíclico que alimenta e realimenta cada etapa de trabalho diário do objeto no museu, relacionando o conjunto de atividades ramificadas umas com as outras. Não se trata, contudo, de linha de ação linear e mecânica, muito menos somente trabalhos técnicos. Mas, sim, de métodos específicos em ciclo de procedimentos diários, em total conexão com normas práticas e teóricas do campo da Museologia além de diversas áreas do conhecimento. O que nos leva a descrever as principais ações ou procedimentos de cada ciclo no museu, na perspectiva de alguns autores.

## **2.2 Salvaguarda: Documentação & Conservação**

A salvaguarda e a comunicação são baseadas nos procedimentos técnico-científicos que compreendem as etapas de coleta, estudo, documentação e conservação (salvaguarda), exposição, ação cultural e educativa (comunicação). Ao selecionar os objetos, o museu expõe os principais suportes para traduzir valores e missão para os diferentes grupos sociais.

### **2.2.1 A Documentação Museológica**

A perspectiva sobre a documentação museológica centrou-se nas autoras: Cerávolo e Tálamo (2000), Joana Smit (2005), Heloisa Barbuy (2008) e Marilúcia Botallo (2010), para as quais a documentação se traduz por atividade prática, orientada por procedimentos e metodologias pré-estabelecidas, voltadas para o tratamento e o acompanhamento da informação sobre o acervo no museu.

Na década de 1970, os museus passaram por reformulações com objetivo de atender as demandas da sociedade contemporânea, atuando como agente de desenvolvimento e instrumento dinâmico de mudança social (Mesa Redonda de

Santiago<sup>20</sup>). Com isso, o pensamento museológico avançou na direção da inclusão de objetos para museu que deveriam deixar de ser coletados apenas com o objetivo de representar, mas, mais como suportes de memória e mediadores de relações. “Afim, o museu enquanto unidade de informação tem responsabilidade de proporcionar meios de transmissão de conhecimento.” (Yassuda, 2009,p.23). De representativo de algo estético, o objeto destaca-se como veículo de informação com base na realidade das comunidades.

Importante lembrar do (Comitê Internacional de Documentação) CIDOC vinculado ao (Conselho Internacional de Museus) ICOM que trata de assuntos relacionados à documentação de coleções de museu, com o objetivo de oferecer à comunidade museológica recomendações sobre a prática e o desenvolvimento da documentação.

Um dos problemas que o CIDOC procura contornar e discutir trata da padronização dos campos de informação, questão que atinge os museus de diversificada tipologia. Ocorre que com a informatização, a Internet e as tecnologias de comunicação e informação (TICs) as atividades de controle das coleções ficaram mais aceleradas, da mesma forma que os processos de gestão e de intercâmbio de informações e de acesso a elas. Na tentativa de instituir padrões relativamente similares tem-se, recentemente, a *Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação* sobre objetos de museus: categorias de informação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC-ICOM)(através da Secretaria do Estado de Cultura de São Paulo e a Pinacoteca SP, 2014). As *Diretrizes* propõem a abertura para o trabalho em conjunto e conta com grupo de participação, e são vistas como um avanço “positivo e fundamental para o crescimento profissional da área de museus” (op.cit.:14)

Em termos práticos, segundo Botallo (2010), a documentação museológica opera como sistema (no sentido de organicidade) com princípios metodológicos e normas pré-estabelecidas para produzir os registros e conduzir os procedimentos. O objetivo maior é potencializar as informações sobre os objetos com propósito de torná-los acessíveis como fonte de conhecimento para o usuário e a instituição. De

---

<sup>20</sup> Mesa-Redonda de Santiago do Chile 1972, documento organizado pela UNESCO que trata do papel do museu na América Latina. Nesse encontro discutiu-se o papel social dos museus. Disponível < <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/3-1972-icom-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html>>. Acesso 02.11.2018

acordo com a autora as normas não são ideia de verdade e princípios irrefutáveis, mas, a melhor maneira de aplicar os aspectos conceituais, culturais, jurídicos e administrativos que se valem dos recursos da classificação, da seriação, da unicidade, da determinação tipológica dos modos de descrição, do vocabulário controlado em prol da identificação dos objetos. O intuito, como já apontado, é o de extrair o máximo de informação das peças.

Sem dúvida, a documentação é uma ferramenta indispensável para ter controle do acervo como também pode trazer subsídios para a política de acesso definida pela instituição, além da maior segurança. As fichas permitem inscrever nos campos de informação os dados de identificação e descrição de cada item do objeto além de anotar a localização da peça que, em um museu, pode transitar dos setores internos para a exposição e vice-versa. Segundo Helena Dodd Ferrez:

A documentação de acervos museológica é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens, e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar [...] as coleções dos museus em fontes de pesquisa científica ou em instrumento de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1991,p 1)

Para Heloisa Barbuy (2008), um dos desafios da documentação museológica é o do aprofundamento e rastreamento de informações sobre a história individual das peças e a disponibilização para comunidade de pesquisa. É importante para o museu ter ideia do contexto, a função original e as diversas informações adicionais em relação ao período em que as peças estavam fora do ambiente do museu. Informações essas coletadas quando possível logo na entrada do objeto no museu ou investigadas através de pesquisas (bibliográfica ou outras). O sistema de documentação museológica (manual ou informatizado) possibilita organizar as informações produzidas de forma sistemática e inter-relacionada, assegurando, além de tudo o controle do acervo (o que tem, quanto e onde estão as peças), o que demanda o controle das peças bem como do vocabulário de modo a se ter a recuperação da informação de qualquer objeto existente no museu.

Para Barbuy (2008) o grande desafio dos documentalistas de museus é compreender que a documentação não é a localização de peças e imagens do acervo, embora ambas sejam importantes. Mas o estudo de cada peça ou coleção a ponto de formar os dossiês substanciais sobre cada uma delas. Procedimento que

exige intenso trabalho de decodificação (no vocabulário de Camargo-Moro,1986, dedicado a rastrear informações sobre as características da materialidade do objeto e os aspectos extrínsecos (não relacionados a materialidade) advindos do universo cultural a que pertenceu antes de entrar no museu.

Segundo Cerávolo e Tálamo 2000 em *Tratamento e organização de informações documentárias em museus* , o sistema de documentação em museus está voltado para o acompanhamento da circulação dos objetos dentro da instituição. Além disso, as autoras destacam que o sistema deve privilegiar não somente o acompanhamento, mas, também, o tratamento e a organização das informações sobre o objeto. Entendem que os resultados captados pelo sistema de documentação servem para o setor administrativo, para o curatorial (pesquisa) e o documentário (relativo à padronização terminológica). O sistema informatizado para a documentação em museus tornou-se ferramenta ágil para armazenar e prover o acesso a informação com maior rapidez. Nem todos os museus, contudo, conseguem desenvolver sistemas de informação complexos ou mesmo pesquisar objetos e coleções no mesmo grau de aprofundamento.

Também faz parte do ciclo curatorial museológico a conservação e a segurança como atividades essenciais para resguardar os bens museais.

### 2.2.2 Conservação de acervos. Segurança em museus

Dentre os procedimentos de salvaguarda nos museus a conservação deveria ser prioritária. Conservar, segundo Lima (2012,p.34“[...] consiste proteger o bem a qualquer efeito danoso, natural ou intencional com intuito não só de mantê-lo no presente, como de permitir sua existência no futuro, ou seja, preservar”.

Meirelles (2010) em *Diretrizes em conservação de acervos museológicos* (2010) aponta elementos norteadores básicos para as ações de conservação a serem desenvolvidas em museu que podem retardar a deterioração e prevenir danos nas coleções museológicas. Geralmente, a conservação do acervo consiste em dois fatores que podem ser controlados: conservação preventiva e conservação corretiva.

A conservação preventiva - “[...] ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação.” (MEIRELLES, 2010, p.80), são práticas cotidianas para



assegurar o controle das condições ambientais nas reservas técnicas e locais de exposição, limpeza e armazenamento adequados, manuseio das obras dentre outros procedimentos. Um aspecto importante sobre a conservação preventiva é dirigir seus métodos como forma de prevenção para não chegar ao tratamento, sobretudo as medidas que contribuem para racionalização de gastos.

A conservação corretiva volta-se para a intervenção direta na peça “[...] o objetivo é o de devolver, na medida do possível, a configuração original da peça deteriorada ou a sua recuperação a um determinado estado anterior ao que se encontra.” (ALAMBERT *apud* MEIRELLES, 2010, p.81). É importante salientar que os métodos corretivos geralmente estão pautados em normas estéticas e éticas com a perspectiva de manter a integridade histórica da peça. Sobretudo, para que não haja danos irreversíveis, causados por situações de degradação e intervenções inadequadas. A recomendação geral é que diante de dúvidas leva-se o problema a um especialista para discutir as alternativas firmando uma base segura para as intervenções necessárias, por meio de pesquisa técnico-científica, que indicará o procedimento correto que deve ser utilizado.

Maria Celia Drummond (2010) no artigo intitulado *Prevenção e Conservação de Museus* (2010) indica que preservar significa prever os riscos, as possíveis alterações e os danos que colocam em risco a integridade de um bem cultural.

Para evitar danos ao bem cultural, ou seja, garantir sua preservação se faz necessário criar a política de preservação dentro do regimento internacional, nacional e da instituição. As políticas descrevem normas e condutas a serem seguidas pelos funcionários da instituição com o objetivo de assegurar os bens guardados. Contudo, para isso é preciso que recursos financeiros sejam viabilizados por políticas públicas e, principalmente, mantidos para garantir seu funcionamento.

Segundo Meirelles (2010) importa ter uma estimativa de despesas no orçamento do museu destinado à preservação e conservação dos equipamentos, manutenção do edifício, sistema de segurança, limpeza e monitoramento, controle ambiental. Está incluída no rol de tarefas da conservação a realização de treinamento com equipes que trabalham com o acervo (manutenção, transporte, higienização, armazenamento, procedimento para manejo das peças, limpeza da reserva técnica e o mobiliário). A autora destaca a importância do plano para situações de emergências como, por exemplo, incêndio e enchentes.

Diante da carência da segurança em Museus, a Fundação Vitae publicou em 2003, a adaptação de publicação britânica, *Roteiros Práticos no. 4 – Segurança de Museus*<sup>21</sup>, para o mercado de profissionais brasileiros, informando sobre os riscos aos quais os museus podem estar expostos, e despertar a discussão crítica sobre o tema propondo soluções para as instituições. A publicação evidencia questões sobre segurança dos objetos (furtos e vandalismos) em exposição e discorre sobre as ameaças de incêndio que os acervos podem sofrer. Destacando que a própria instituição tem enquanto museu, dentre outras finalidades, a exibição de objetos, já acaba sendo alvo de roubos ou vandalismos por manter (por vezes) objetos raros e valiosos fazendo com que os cuidados se transformem em uma rede complexa de alternativas de segurança. Com isso, o museu ou qualquer centro de memória deve ter uma atenção especial para a questão da segurança.

Se tratando de coleções o furto é a ameaça mais comum, embora, segundo o informativo da Fundação Vitae (2003,.p.19) não se deve “jamais subestimar uma outra ameaça, a de incêndio”; como vimos acontecer recentemente no Brasil (setembro 2018) no Museu Nacional (Rio de Janeiro), acarretando perdas irreparáveis. O fogo pode destruir coleções inteiras em pouco espaço de tempo, sem condição de repô-las, enquanto o furto, embora uma perda, conta com a chance de recuperação. Além de apresentar discussões sobre alguns riscos aos quais os acervos museológicos estão expostos, os informativos da Fundação Vitae indicam recomendações e atualizações para o enfretamento desses riscos. E salienta, por exemplo, a necessidade de estar atento às diferentes formas de proteção que cada tipo de acervo exige: como a tipologia, natureza do acervo e estrutura física. Nada deve ser deixado de lado diante da situação e riscos

Seguimos para outro elo da curadoria museológica: a comunicação, pensando-se na exposição e nas estratégias para potencializar a relação do objeto com público nas mais diferentes linguagens.

## **2.3 Comunicação: Exposição, Ação Educativa e Ação Cultural**

### **2.3.1 Exposição**

As exposições possuem uma importância e repercussão significativas dentro dos museus, pois fornecem os primeiros contatos das coleções com o público. As exposições proporcionam novas experiências e permitem inúmeras interpretações de

---

<sup>21</sup> Disponível < [http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download\\_arquivo/roteiro4.pdf](http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro4.pdf)>.

fatos. Segundo Marília Cury (2005, p.35) a exposição é a “principal forma de comunicação em museus (...) ou, ainda a mais específica” em que o público tem a “oportunidade de acesso á poesia das coisas.”. A autora explica que, na exposição, o processo de musealização se manifesta para o público, bem como na possibilidade de contato com a experiência poética por meio do patrimônio cultural.

Cury ao tratar da “Abordagem Técnica (questões cruciais e o profissionais envolvidos)” (2005,p. 99) sugere o uso de fluxogramas ajudando a detalhar as etapas de concepção e montagem de exposição; um momento de reflexão sobre métodos ou metodologias dos profissionais. Destaca como “pontos delicados”: escolha do tema; seleção e articulação dos objetos museológicos na “construção do discurso expositivo”; concepção espacial e da forma, para a autora aspectos tanto estruturados da expografia como linguagem, como base da mediação cultural. Apontamos aqui somente as fases de planejamento e execução indicadas pela autora:

- 1 – Fase do Planejamento e da Idéia (proposta conceitual)
- 2 - Fases do Design (conceituação, estudo, preparação e apresentação detalhada) em que é importante o uso de recursos bidimensionais
- 3 – Fase de Elaboração Técnica (plano técnico e executivo)
- 4 – Fase de Montagem (produção de recursos expográficos)
- 5 – Fase de Manutenção, Atualização e Avaliação.

Segundo a autora algo de maior complexidade é o fato das exposições abarcarem diferentes áreas - museologia, arquitetura, design, educação, eletrotécnica, conservação, outras - em prol de conduzir o público para as diversas experiências interativas, criativas e sensoriais.

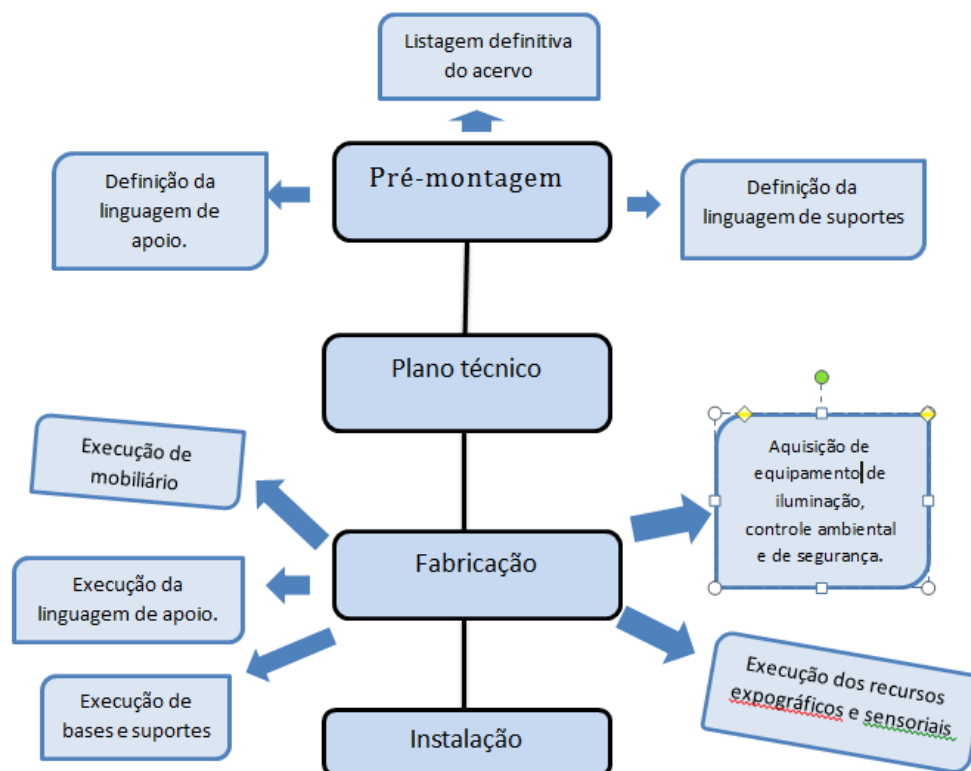
Para a primeira fase, a de concepção importa a discussão conceitual do tema, recorrendo ao “suporte científico (documentação, bibliografia e pesquisa)” (2005:99), o que possibilita ampliar o tema com assuntos específicos para instigar o visitante a ter uma visão crítica sobre vários contextos. A exposição para Cury é um produto operado com eficiência, com objetivos, justificativas, apresentação de tema, concepção de espaço, estimativa orçamentária e organograma; fatores cruciais que ajudam a desenvolver a proposta da exposição.

Na fase do design Marília Cury salienta a importância da parceria entre o museólogo e o designer ou arquiteto (2005, p.113). Iluminação e sinalização para o

próprio espaço expositivo, indicação dos locais para saídas de emergência, extintores de incêndio, banheiros devem ser indicadas para garantir conforto e segurança aos visitantes.

A próxima etapa é a da estrutura e a elaboração da técnica. Nessa fase, a necessidade do planejamento do plano técnico e executivo do mobiliário, a instalação no espaço expositivo e respectivas adequações ao ambiente. Cabe definir a listagem definitiva das peças que participarão da mostra. A acessibilidade deve ser pensada de forma a oferecer conforto e segurança aos portadores de necessidades especiais. Como podemos acompanhar no diagrama abaixo, adaptado de Marília Cury (2005,p.107)

**Figura 18-** Diagrama do Plano de Montagem



Para a montagem a autora considera a pré-montagem, plano técnico, fabricação e instalação. Enfim, cada etapa e seus desdobramentos exigem atenção, planejamento, orçamentos, equipe e recursos técnicos. Isso inclui a manutenção, atualização e avaliação.

Com isso, a autora pretende demonstrar a sequencia interligada de procedimentos, concluindo que o profissional de museu “trabalha na ótica do

enfrentamento do objeto”, arcando com o desafio institucional para a “construção de experiências significativas tendo como vetor o patrimônio cultural” (CURY,2005,p.141). Ao trazer para o viver museológico a avaliação (das exposições ou de outros serviços prestados pelo museu), Cury (2005) reforça que se trata do entendimento da postura profissional – seja para os processos de trabalho, seja para os resultados (produtos); não se trata de julgar, mas, “criar um sistema de informações sobre aspectos da realidade que (...) possam intervir positivamente sobre essa realidade” (idem: 125).

### 2.3.2 Ação Educativa e Cultural

As ações educativas nos museus surgem como recurso essencial para mediar a relação entre as exposições e ou o museu no conjunto e o público. Os serviços educativos visam, de modo geral, atuar na interpretação de aspectos da cultura apresentados nas exposições, e na educação - o que não exclui o divertimento e lazer independente da faixa etária e rede escolar -. Esse atendimento pode contribuir para a compreensão das diversidades culturais que, por sua vez, ajuda a fortalecer a cidadania.

O programa Educativo e Cultural dos Museus da Superintendência de Minas e Artes Visuais define assim as ações educativas:

Elementos fundamentais no processo de comunicação que juntamente com a preservação e a investigação formam o pilar de sustentação de todo museu, qualquer que seja sua tipologia. Entendidas como formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural. (COSTA e WAKENKESKI 2016: 65).

No artigo intitulado *A importância das ações educativas nos museus* de autoria Heloisa Helena Costa e Verlaina Weazenkenki (2016) as autoras analisam as ações educativas como ferramentas para[...] “participação, reflexão crítica e transformação da realidade social” sem perder de vista [...] “encantamento, cultura e o lazer” existentes nestes ambientes (COSTA e WAKENKESKI.2016,p.65- 66).

Diante dessas análises entendemos que, as interações entre os museus e as escolas, e seu público como o todo provocam uma experiência de aprendizagem que vai além da simples complementaridade. Os resultados constroem entendimento onde as relações sociais se processam de forma diferenciada com

conteúdos estéticos, performáticos, teatrais e imagens dentre outros e pode ser, ao mesmo tempo, atraente e lúdico.

Na lei de Diretrizes e Bases Educacionais as instituições culturais são apontadas como um caminho para ampliar a construção do cidadão direcionando a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento e a arte e o saber.” (LBD art.3º inciso). O contato com esses espaços, nos quais se integram os museus, auxilia a criar o hábito de visitá-los e estimula a interrogar as informações transmitidas em um caminho positivo e crítico.

O artigo *Educação em Museus. Panorama, dilemas e algumas ponderações* de Marília Cury (2013) aborda a importância de o museu possibilitar, por meio da ação educativa, a comunicação para e com o universo educacional. Para Cury, o museu pode contribuir com a escola essencialmente para ampliar o entendimento sobre o patrimônio. Por outro lado, a autora critica diversas divergências em relação aos recursos utilizados para a comunicação nesses espaços. Uma delas se baseia no fato de muitos profissionais não reconhecerem as potencialidades informativas dos objetos.

Outro ponto a destacar é quando a autora dialoga com a perspectiva de Ulpiano Bezerra de Meneses ao conceituar a educação - “ação revestida de criticidade” -, como peça chave para entender os mecanismos dos museus, sobretudo nas narrativas expositivas. Dessa forma, escreve Cury, o museu deve ser crítico como também o projeto educacional de tal modo que seja “eficaz para que o usuário participe do processo museal criticamente.” (CURY, 2013.p.14).

Outro aspecto de fundamental importância em se tratando de ação cultural a partir de museus consiste em utilizar ações entre a instituição e o desenvolvimento da comunidade. Hugues de Varine (2014) em *O museu comunitário como processo continuado* (2014), comenta as ações direcionadas do museu para a comunidade. Destaca como ponto principal a aplicabilidade e o desenvolvimento local de cada território. O autor dá exemplos concretos de ações que foram pensadas de acordo com a realidade de cada lugar, se baseando na demanda de cada comunidade. O resultado foram projetos que lograram êxito pelos grupos e recomendável pela comunidade acadêmica de vários países.

Para Varine o contato do museu com a comunidade necessita de “estratégias e métodos assim, chamado desenvolvimento local “[...] com intenção de produzir

mudanças positivas estando ao mesmo tempo ligado às raízes culturais e psicológicas da comunidade.” (VARINE, 2014,p.26). Para além dessas concepções o autor sinaliza que o processo museal não precisa ser tecnicamente sofisticado, mas sim contar com a sinergia dos recursos locais e humanos. Seus estudos contribuem para refletir os meios de criar ações positivas para o desenvolvimento local em diversos territórios, dando destaque para o diálogo com os grupos para entender seus anseios - e a partir disso - traçar estratégias que possibilitem a implementação de ações que concedam autonomia e suporte para o desenvolvimento comunitário de acordo com seu aspecto social e cultural.

## **CAPÍTULO 3 - O CICLO DE PROCEDIMENTOS MUSEOLÓGICOS NO MAS/UFBA**

### **3.1 Salvaguarda - Documentação e pesquisa**

O setor de Documentação do MAS/UFBA é responsável por elaborar toda documentação jurídico-administrativa do acervo, da entrada a saída da peça na instituição, bem como realiza inventários, cuida dos registros tanto manual como informatizados por meio de fichas classificatórias estruturadas com dados adaptados às especificidades do museu. Nas fichas constam: o número de registro, o da instituição proprietária do objeto, título, origem, proveniência, técnica, dimensões, o estado de conservação, a descrição e a fotografia.

A entrada se dá pela Documentação ou em razão do horário de funcionamento pela Conservação e Restauro que inicia os trabalhos mais cedo para aproveitar o ambiente fresco, já que a tarde o ambiente é quente e se torna estando os funcionários preparados para o recebimento, iniciando os primeiros registros passando-os para o setor de Documentação que faz a revisão e dá continuidade a todo o processo.

Ao dar entrada no museu o objeto é fotografado, anota-se o nome da instituição doadora, e data do ingresso, com a assinatura dos responsáveis, o período que vai permanecer na instituição que contribui para legalizar a inserção assegurada da peça ao museu.

Em seguida, o objeto receberá um número seqüencial (referente a apropriação da peça pelo museu) ou provisório (em situações de empréstimo; em caso de período longo se assegura o comodato<sup>22</sup>).

Com os registros preparados segue a marcação do número de registro na peça quando propriedade do museu com cuidado para não danificar o objeto e assegurar que os números não fiquem visíveis aos olhos do visitante; também por questão de segurança. O número de registro fará ligação com a documentação produzida (registro no Inventário; preenchimento dos campos na ficha de registro) manual ou informatizada.

---

<sup>22</sup> Empréstimo gratuito com prazo determinado (<http://www.normaslegais.com.br/guia/clientes/comodato.htm>). Acesso 02.nov.2018



No MAS/UFBA todas as coleções possuem uma pasta específica no *Microsoft Windows* com informações do acervo e documentos digitalizados, fichas classificatórias e todo registro fotográfico. Essas pastas atendem as necessidades de recuperação das informações e acompanhamento do acervo de modo mais ágil para pesquisas e o Setor de Exposição.

O sistema DONATO/SIMBA<sup>23</sup>, projetado para museu de tipologia de Arte e muito divulgado a certa época, chegou a ser utilizado, permitindo o cadastro do acervo, bem como os registros de movimentação e procedimentos na exposição e conservação e restauro. Mas devido a falta de recursos para renovação da licença não é mais utilizado para o registro de novas peças, porém, é utilizado internamente para dar suporte nas consultas sobre o acervo já documentado.

O MAS/UFBA possui uma coleção aberta que conta atualmente com aproximadamente quatro mil peças em um total aproximado de vinte coleções. O aproximado aqui diz respeito a contínua revisão e aperfeiçoamento dos procedimentos próprios da documentação museológica. A consulta ao acervo é amplamente requisitada por estudantes e pesquisadores de diversas áreas de conhecimento de diferentes redes universitárias.

O Arquivo da instituição é uma valiosa fonte de pesquisa sob responsabilidade do setor de Documentação, corresponde a oferecer informações sobre diversos assuntos como, por exemplo, documentos sobre a fundação do Museu, materiais sobre o início do curso de Museologia da UFBA, peças ou coleções entre outros.

Outra fonte inesgotável de pesquisa é o setor da Biblioteca (figura 19) Dom Clemente Nigra (em homenagem ao seu primeiro diretor - 1959-1972). O acervo está constituído de obras nas áreas de Artes em geral e, especificamente, Artes Plásticas, Música e Teatro, como também História geral, História do Brasil, e a da Bahia. A biblioteca do Museu colabora com a promoção da cultura para os diversos usuários. O que responde pela proposição de Gabriele Tanus (2014; 86) “as três instituições arquivos, bibliotecas e museus, foram e são igualmente relevantes para a construção social da história e da memória da humanidade”

---

<sup>23</sup> VER < <https://infha20151.wordpress.com/2015/12/17/sistema-donatosimba/>>. Acesso 02.11.2018

**Figura 19-** Biblioteca Dom Clemente Nigra



**Fotografia** Jussara Piedade (2018).

Como forma de promover e ampliar conhecimentos teóricos voltados a práticas no Museu, o setor de Documentação do MAS/UFBA, desenvolve projetos de estágios para diversos alunos UFBA; os estágios nas diversas áreas como Museologia, Artes, Arquivologia, História, outras, gerando assim um trabalho interdisciplinar que possibilita ao estudante conhecer o campo de trabalho dos museus e mostrar a riqueza do acervo de arte sacra, além de incentivar com isso futuros trabalhos de pesquisa.

A Documentação dá suporte as demais atividades do Museu, veremos adiante que o conhecimento produzido pelo setor terá influencia para qualquer ação como a conservação, exposições, ação cultural e educativa. Todas as atividades mantém troca recíproca de informações como previsto no circuito de curadoria museológica.

### **3.2. Conservação e Restauro/Segurança nos Museu**

As coleções do MAS/UFBA se encontram em bom estado de conservação. O acervo fica sob observação frequente pelos funcionários, desde o setor de Exposição que colabora com ações voltadas para conservação preventiva até a Conservação e Restauro com atividades voltadas para as intervenções diretas na obra.

Ao ser inserido no setor de Restauro as peças são fotografadas e circula uma ficha de identificação com critérios para serem analisados e assegurar como serão utilizados os materiais, protocolos e processos de acordo com cada finalidade.

Dentre os principais agentes prejudiciais que atuam sobre o acervo do Museu estão: incidência de luz natural, agentes biológicos, e a vibração provocada pelos eventos realizados no Museu. Porém, ao observar as coleções na RT e nos ambientes de exposição pode-se verificar que o acervo se encontra em bom estado de conservação, e sua adaptação é favorável as condições climáticas do ambiente. Ao longo do tempo, o Museu de Arte Sacra, vem enfrentando as questões de controle de ambiental em relação RT, com aparelhos que ajudaram a equilibrar o estado de conservação das obras. Um deles o desumificador que segundo Meireles (2008,p.:86), possibilita a retirada de umidade do ar, por meio da condensação do vapor d'água existente no ar.

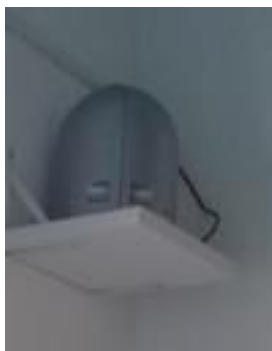
**Figura 20-** Desumificador



**Fotografia:**Jussara Piedade (2018).

O purificador de ar também é um equipamento de extrema importância na conservação do acervo esse objeto tem finalidade de apresentar uma medida de prevenção contra o ataque de proliferação de microrganismo que possa ameaçar as peças.

**Figura 21-** Purificador de Ar



**Fotografia:**Jussara Piedade (2018)

Sobre a questão da iluminação natural o setor de exposição do Museu tenta coibir a incidência excessiva de luz. Os funcionários estão preparados para o fechamento das janelas para inibir a incidência direta do sol no objeto, em diferentes horas do dia, para não prejudicar as obras em exposição. Porém, é necessário utilizar a abertura das janelas e ventiladores na RT [...]“para que possa ser eficiente na renovação do ar, sem atingir diretamente os objetos” (MEIRELLES, 2010, p.86). Nesse espaço de circulação restrita (não aberto ao público) estão ventiladores. A tarde em razão da incidência de luz e calor fecham-se algumas janelas que, por sinal, se abrem para uma belíssima vista da Baía de Todos os Santos, que pode ser apreciada em algumas salas expositivas.

Além disso, os funcionários realizam constantemente vistorias no aspecto físico da peça (a olho nu) para observar se há ou não alguma alteração. Ou seja, o acervo exposto (e o em RT) está em constante vigilância, procedimento recomendado para evitar danos maiores e em tempo de reparar problemas como sujidade, perda de policromia etc... Lembrando, nesse ponto, que acervos museológicos em geral são constituídos com “materiais diversos e técnicas diferenciadas”, dificultando a tarefa de preservação (d’ALAMBERT et alli,p.26). A manutenção da integridade das peças é realizada no período em que o Museu se encontra fechado ao público, quando se dá a limpeza mecânica do acervo em exposição, executada por auxiliares do Setor de Restauo no intuito de sanar qualquer tipo de ação biológica futura.

Em relação ao transporte das peças são utilizados carrinhos (figura 19) especiais facilitando a movimentação das obras. O carrinho transporta peças pesadas com até a capacidade para 400 kg. Vale também salientar que os

profissionais do setor revestiram as laterais do carrinho para maior proteção das peças.

**Figura 22-** Carrinho de Transporte MAS/UFBA



**Fotografia** :Jussara Piedade, 2018

Como já assinalado, o Museu conta com o Setor de Conservação e Restauro em que trabalham profissionais qualificados com formação em artes visuais e especialização/mestrado na área. Contando também com funcionários com cursos técnicos e estagiários em Museologia e Artes Plásticas da UFBA.

Com vistas o aperfeiçoamento do Setor a coordenadora Cláudia Guanais desenvolve projetos para que o Museu adquira equipamentos modernos para diagnósticos precisos e análises detalhadas em relação aos materiais (pigmentos, pinceis, etc..., na tentativa de superar os entraves burocráticos quando se trata de matérias-primas através da Universidade. Os materiais utilizados no setor de restauração precisam ser de boa qualidade e alguns não se encontram no Brasil, e sim são importados de outros países como Itália<sup>24</sup>. A conjugação dos espaços disponíveis para a Conservação e Restauro, com serviços distintos com trabalhos com materiais igualmente distintos não passa despercebida da coordenação desse Setor<sup>25</sup>; até porque ali se abriga peças em quarentena, e os materiais utilizados no tratamento de restauro.

---

<sup>25</sup> A Coordenadora explicou a preocupação com a falta de janelas na sala de restauro ambiente também utilizado por um profissional para fazer limpeza química das peças, inclusive a prataria, mesmo com ventiladores ainda pode oferecer risco a saúde do funcionário.

Quanto à Segurança o Museu conta com vigias (guardas de acervo), câmeras de segurança, o que garantia a vigilância para evitar furtos e vandalismos. Conta também com uma equipe de vigilantes terceirizados que realizam a segurança interna nas entradas do Museu pois área extensa que precisa de atenção. Em relação às medidas de segurança uma situação peculiar diz respeito à Igreja, aberta à visitantes de passagem ou eventos, caso dos casamentos. Para garantir a segurança e integridade dos objetos os funcionários do Museu orientam, durante os eventos, os participantes sobre condutas e regras que devem ser adnatura como otadas para não criar danos às obras.

O Museu não conta com um plano de evacuação como incêndios ou qualquer ameaça da natureza como infiltração. Situação delicada pelo fato da RT estar localizada em um lugar seguro em relação à integridade física do acervo, mas, de difícil acesso para situações emergenciais. Por ser um conjunto arquitetônico datado do século XVI, e construção de grande porte, não foi projetada para ser museu.

No próximo tópico darei atenção a Reserva Técnica e as amplas modificações e providências concebidas voltadas para a preservação e salvaguarda do acervo do MAS/UFBA.

### **3.3 Reserva Técnica**

A Reserva Técnica do Museu de Arte Sacra(figura 23) foi projetada pela arquiteta e professora da Faculdade de Arquitetura/UFBA, Griselda Kruppel. Em parceria com a Caixa Econômica através de Edital.

Ao longo dos anos, antes da inauguração da RT o armazenamento do acervo ficava distribuído entre diversos espaços no Convento, inclusive em salas de funcionários e em ambientes selecionados para serem depósitos e, com isso, ofereciam riscos para a salvaguarda das obras. O que se distanciava das condições adequadas para realizar a segurança e conservação preventiva. Compreende-se a Reserva Técnica como “toda área de segurança, pois abriga todos os objetos de uma coleção museológica que não estão em exposição” (MEIRELLES, 2010, p.106).

Com o projeto desenvolvido pela arquiteta Griselda Kruppel e sua equipe, o resultado possibilitou, após amplos estudos, definir um lugar para abrigar as diversas coleções do Museu, levando em consideração fatores como luminosidade, salinidade, umidade, temperatura, outros. Ainda assim, o ambiente oferece

desconfortos com um nível alto de calor e difícil para evacuação das peças em situações emergenciais.

**Figura 23-** Reserva Técnica do MAS/UFBA



**Fotografia:** Jussara Piedade (2018).

O espaço foi então equipado com estruturas apropriada ao formato das peças, com arquivos deslizantes, arquivos vazados, prateleiras e gavetas. As dimensões possibilitam dar suporte às peças, acomodando também em caixas de polietileno expandido (sob medida), de tal modo que não sofram danos com a movimentação, cobertas de TNT branco para não evitar a poeira.

**Figura 24-** Armários vazados deslizantes com gavetas



**Fotografia:** Jussara Piedade (2018)

Segundo Mirabelle em “A reserva técnica também é Museu” (2010) o conservador e restaurador sinaliza a importância da reserva como espaço tão único quanto os espaços expositivos do museu. Não se trata de espaços secundários mas em total evolução com a instituição.

Já o Cláudio Carlan (2008) em seu estudo intitulado em “Os museus e o patrimônio uma relação complexa” o historiador faz uma análise histórica sobre o processo de relação entre o patrimônio histórico e o museu com as perspectivas de destacar os papéis das instituições museais em relação a proteção e guarda dos acervos. Destacando assim o papel da reserva técnica:

A reserva técnica, como coração do museu deve, ou pelo menos deveria exercer um papel primordial dentro da instituição. Ela agrega uma grande leva de objetos pertencente ao seu acervo, que por sua vez são marcas da memória. Para isso, devemos trazê-la para o campo do conhecimento histórico, decodificando suas mensagens simbólicas. Uma série de informações intrínsecas e extrínsecas a serem identificadas. (CARLAN, 2008,p.82)

O setor de Exposição é responsável pela RT do MAS/UFBA<sup>26</sup>. O trabalho consiste em garantir a conservação preventiva das coleções no ambiente e a segurança. Trata-se de área restrita, com entrada de poucos funcionários, somente autorizada pelo Setor de Exposição, Documentação e a direção.

O Setor de Exposição realiza controle da entrada e saída de cada objeto na RT, como também se preocupa na atualização completa das informações sobre o que está ali guardado. Conta com estagiários para atualizar os dados e realizar uma lista de arrolamento para acompanhar a localização em cada espaço na RT, e nos ambientes expositivos do Museu. Esclarecimentos sobre o acervo podem ser respondidos também com o Setor de Documentação, pois ambos os setores ficam próximos e mantém comunicação constantemente.

O Setor de Exposição responde por diversas atribuições, uma delas a responsabilidade com a Reserva Técnica. Para controle na RT, o setor dispõe de uma pasta manual que controla a entrada/saída de cada peça na RT. São informações importantes que possibilitam acompanhar os objetos na instituição (a denominação do objeto juntamente com o número de registro, data de saída, data de entrada e a assinatura do funcionário que autorizou a saída). Com esse registro

---

<sup>26</sup> O acervo é controlado pelo setor sob responsabilidade da museóloga Edjane Cristina e uma equipe de estagiários de Museologia, História e Arte Plásticas que contribuem para desenvolver os trabalhos.



de acompanhamento se tem com facilidade a localização dos objetos na instituição, além de identificar quando está fora do Museu, caso dos empréstimos, a exemplo daquelas peças solicitadas para participar de celebrações ou procissões de cunho religioso.

Um dos desafios em relação a RT é a entrada de novas peças no espaço disponível, causando, por vezes, novas re-arrumações.

### **3.4 Comunicação: Exposição**

Outro importante papel do Setor de Exposição do MAS/UFBA é a re-organização, elaboração e montagem das exposições de longa duração e das temporárias. Para Marília Cury (2005:43):

A forma da exposição diz respeito a maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema (enfoque temático, e seu desenvolvimento), a seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho(a elaboração espacial e visual) associados a outras estratégias que juntas revestem a exposição de qualidade sensoriais.

Geralmente no MAS/UFBA as exposições são planejadas a partir de reuniões sob o conhecimento e aval do diretor. A concepção é elaborada pela museóloga que inicia o levantamento bibliográfico do tema, utilizando quase sempre da documentação museológica e de pesquisas complementares. Setor também realiza estudo e avaliação de público.

No momento da elaboração do projeto são definidas as peças, os recursos de linguagem, o período de exposição e a verba que o Museu poderá gastar com a exposição. O setor não dispõe de *designer* para conceber os estudos preliminares bidimensionais. A concepção espacial expositiva das peças é realizada pela museóloga do Setor de Exposição, como também a execução dos textos e a confecção dos catálogos.

A exposição é um trabalho que exige a participação interdisciplinar. Todavia, o profissional que o assume um papel essencial para planejamento das exposições é o museólogo. Marília Cury (2005,p.110) atribui ao museólogo a “responsabilidade pela estruturação da linguagem expositiva e pela intangibilidade da exposição. Ele coordena e problematiza as discursões feitas pelo coletivo”; o que acontece no MAS/UFBA no momento quando do planejamento e elaboração da exposição. O trabalho da exposição é acompanhado pelos estagiários que contribui direta e ou

indiretamente como forma de aprender e colaborar com cada seqüência elaborada pelo setor.

A divulgação das exposições fica sob a responsabilidade do Setor de Documentação que alimenta e atualiza as programações nas redes sociais do Museu, inclusive o *site* (<https://mas.ufba.br/>) que contém a programação do museu.

**Figura 25-** Imagem do Site



Fonte: (<https://mas.ufba.br/Acesso>) 02/11/2018.

Não podemos deixar de mencionar que o MAS/UFBA é uma instituição pública federal e recebe recursos financeiros de acordo com os repasses disponibilizados pela Universidade. Os eventos que ocorrem no Museu são previstos com um valor orçamentário para serem gastos nas exposições e outras atribuições inclusive ação cultural educativa.

Nas salas de exposições de curta duração o Museu acolhe diversas linguagens artísticas dos diversos universos culturais. Nos últimos anos o Museu realizou exposições de diferentes temáticas, não somente abarcando o universo católico, cito a exposição “Ciclo do tempo: a imortalidade e ancestralidade” em maio de 2015, e a de “Ligia Sampaio 60 anos, pena e pincel” em outubro de 2014.

Em relação à concepção da exposição de longa duração o Museu conta com peças de mobiliário, pintura, imaginária, ourivesaria dentre outros que compõem o universo sacro católico. São 14 ambientes expositivos apresentando técnicas artísticas e o saber fazer refletidas na característica singulares de cada obra, com

elementos culturais e históricos de diferentes períodos e múltiplas identidades concebidas desde século XVI a XX.

### **3.5 Ação Cultural e Educativa**

Ao inaugurar o Museu de Arte Sacra em 1959, um dos propósitos do reitor Edgard Santos foi integrar a cultura ao ensino, pesquisa e extensão com intenção de obter resultados. Segundo Toutain et all. (2011,p.30)na obra reitores da UFBA, destacam :

Confirmando seu desejo de consolidar a UFBA como uma universidade que investia na formação plural do sujeito e que mantinha uma relação de aproximação com a sociedade, Edgard Santos continuou seu esforço de superar o isolacionismo da universidade e buscou criar organismos extensionistas que se abrissem para a sociedade e para o aperfeiçoamento contínuo dos profissionais saídos de suas salas de aula.

E assim ao, longo dos anos, o Museu realizou diversas atividades buscando integrá-lo com a comunidade do Sodrê, na qual eram ministradas palestras voltadas a saúde, educação e outras demandas da comunidade.

Atualmente no MAS/UFBA, a principal atividade do Setor de Educativo são visitas mediadas. Em 2014, o setor educativo e cultural promoveu uma parceria com estudantes de Artes Plásticas para ministrar oficina de Artes Visuais para diversas alunas de localidades de Salvador, com objetivo de proporcionar a essas mulheres o conhecimento relacionado as artes visuais. As oficinas trabalharam o “conceito das cores” no sentido de pensar segundo a teoria da arte não somente o papel estético, mas, sobretudo, entender como as tonalidades refletiam no psicológico e emocional do ser humano.

Um dos principais objetivos da educação em museus está relacionado, segundo Desvalles e Mairesse :

“A educação, em um contexto mais especificamente museológico, está ligada à mobilização de saberes relacionado com o museu, visando ao desenvolvimento e ao florescimento dos indivíduos, principalmente por meio da integração desses saberes, bem como pelo desenvolvimento de novas sensibilidades e pela realização de novas experiências.” (BRULON e CURY in *Conceitos Chave...*, 2013:38)

A educação em museus daquele projeto resultou em bons frutos, pois até hoje boa parte das alunas que participam das oficinas artesanais promovidas pelo Museu, são mulheres de diferentes faixas etárias que relatam estar no curso como

forma de aprender algo novo e buscar uma nova fonte de renda financeira. Como também foi oferecido na ano de 2017, o curso de “Pinturas de santos em gesso” promovido pelo setor educativo com objetivo proporcionar uma atividade que pudesse oferecer outra renda extra e benefícios á autoestima das mulheres . As alunas eram compostas por dona de casa, aposentadas, museólogas, estudantes de ensino médio e superior... Eram perceptíveis a interação das alunas em relação ao curso. O resultado desse curso foi visto na semana da primavera nos museus 18 a 20 de setembro de 2018, no MAS. Aconteceu “A 1ª feira de artesanato do MAS-UFBA” contando com a presença de muitas dessas alunas que participaram do curso de pintura de gesso. Como também, estavam presentes as crianças das ONGS<sup>27</sup> Bahia Street nas atividades de contação de historias e filmes infantis para os pequeninos da ong Sinal Fechado.

**Figura 26** - Curso de Pintura de Santo de gesso



**Fonte:** facebook.com/MAS. Acesso 10/11/2018.

É fundamental dialogar com os grupos do entorno da unidade e entender seus anseios e virtualidades para então traçar métodos que possam possibilitar ações que concedam autonomia e suporte para o desenvolvimento sustentável de acordo com o seu aspecto social e cultural, já promulgava de Varine ( 2012).

<sup>27</sup> As ongs são entidades privadas, sem fins lucrativos, com o objetivo de acrescentar ou mesmo melhorar algo em uma determinada sociedade; essa são compostas por pessoas privadas que possuem interesse público com intuito de melhoria a algum campo da sociedade. Disponível [www.ucs.br/site/midia/arquivos/o papel das org.pdf](http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/o_papel_das_ong.pdf) Acesso:17.janeiro.2019

Buscando maior interação com a sociedade o Museu também promove por iniciativa própria ou em parceria com eventos com a UFBA, intensificar palestras, seminários, workshops, oficinas, concertos, atividades de arte educação entre outros.

**Figura 27-** Concerto no MAS/ UFBA



**Fonte:** facebook.com/MAS. Acesso 10/11/2018

Como forma de estabelecer um contato com a comunidade do entorno, e potencializar o diálogo direto com a comunidade o Museu promove ações educativas e culturais juntamente com o Setor de Documentação, Exposição e o Educativo com estagiários de artes plásticas, para promoção de projetos para ONGS Bahia Street (figura 2) e Sinal Fechado (ambos localizados na ladeira da Preguiça e rua Santa Teresa); vizinhos, portanto, do Museu.

**Figura 28-** 12ª edição primavera dos Museus ongs Bahia Street e Sinal Fechado



**Fonte:** facebook.com/MAS. Acesso 10/11/2018

O objetivo é o de estreitar relações culturais com a garotada mostrando que, o papel pedagógico do patrimônio compartilhado visa “transformar a comunidade, fazendo com que reconheça a riqueza daquilo que possuem individual e coletivamente.” (VARINE,2012.p.79). Nesta perspectiva, as novas gerações que residem no entorno do Museu de Arte Sacra passam a conhecer o acervo desde muito cedo – aqui o empenho para cativá-los para preservar o patrimônio cultural da cidade do Salvador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao me inteirar sobre a curadoria museológica através de autores tive dificuldades no início do trabalho, principalmente no sentido de pensar que se a curadoria está presente em várias áreas de conhecimento e abarca múltiplas definições e perspectivas, como então compreender o papel do museólogo dentro das instituições?

Ao estagiar na RT sob a responsabilidade do Setor de Exposição do MAS/UFBA, não tinha ideia como as respostas as minhas perguntas tão prontamente atendidas pelo Setor de Documentação iriam gerar um trabalho de conclusão de curso.

De fato há distâncias entre teorias e práticas. O que a prática me mostrou, no entanto, é que se são necessárias adaptações – ao espaço, aos recursos humanos, aos financeiros – a formação na Universidade proporciona a compreensão de um ciclo museológico em constante funcionamento e destaque para a curadoria conduzida por museólogos. A reflexão aqui apresentada procurou evidenciá-la. Cada procedimento é importante, pois, tem funções e objetivos bem definidos, e os resultados surgem na integração de uma atividade a outra dentro da perspectiva do cuidado do acervo.

O circuito de atividades propriamente museológicas explicitam que o museu (de forma geral) e o MAS/UFBA (de forma específica) formam um sistema complexo que, para funcionar, depende dos diversos setores interligados para executá-las. Cada domínio técnico está totalmente apoiado na bagagem intelectual e nas reflexões de autores que me foram apresentados ao longo da formação em Museologia.

Procurei destacar dois aspectos fundamentais na reflexão sobre a curadoria museológica no MAS/UFBA: o primeiro o Museu conta com profissionais museólogos em todos os setores, neste caso, na Documentação, para com a conservação preventiva, para a Exposição e Ação cultural e educativa (no setor de Restauro conta profissional especializada para função, o que gera melhores resultados em relação as intervenções). O segundo aspecto é sobre a estrutura física que oferece condições convenientes ao trabalho, com ambientes amplos,

tranqüilos e equipamentos favoráveis para abrigar atividades importantes, por exemplo, as da RT.

Em relação ao Setor de Documentação museológica todas as etapas são primordiais refletindo-se na segurança do acervo, na busca (e encontro) das peças no interior da instituição. As informações ali guardadas (inclusive registros antigos), levantadas e registradas possibilitam o avanço de outros graus de pesquisa sobre qualquer peça no museu.

O trabalho da Documentação ajuda diretamente na fase de concepção das exposições, pois as informações geradas pelo setor servem para a construção dos textos como também são base para tirar dúvidas em relação a atualização dos dados sobre as peças na RT. Pelo fato de no MAS/UFBA os dois setores – o de Documentação e Exposição – estarem próximos fisicamente (salas contíguas), facilita o desempenho da curadoria museológica para sobrepor qualquer limitação em ambos os setores. Mesmo que cada um tenha seus objetivos a união e equilíbrio das atividades se tornam mais dinâmicas e produtivas.

Concluo que o cuidado relativo ao acervo museológico depende de especialização e, também, da interdisciplinaridade. Os objetos “circulam” entre setores, o trabalho do museólogo é cheio de responsabilidades para preservar e gerar informações e conhecimentos. Os objetos museológicos que os museólogos procuram salvaguardar, são afinal dispositivos – um aparato, um utensílio, um *artefato* - que permeia e influencia a relação entre pessoas e pode ajudar na esperada inclusão social e compreensão da cidadania.



## REFERENCIAS

AZEVEDO, Paulo Ormino. Inventário e proteção do acervo Cultural. Salvador. IPAC 1975.v.1.

BARBUY, Heloisa. Documentação museológica e pesquisa em museus; In Documentação em Museus. Rio de Janeiro: MAST, 2008. Disponível em [http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/933/1/mast\\_colloquia\\_10.pdf](http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/933/1/mast_colloquia_10.pdf) Acesso:20/08/2018.

BRASIL. LEI Nº 9.394. As Diretrizes e bases da Educação Nacional, Brasília. Atualizado 2017. Disponível em [http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf). Acesso :10/10/2018

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de Curadoria - Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. *Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa*. Brasília: Ministério da Cultura, 2008. Disponível [http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2015/07/Unidad1Texto\\_Definicao-de-Curadoria.pdf](http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2015/07/Unidad1Texto_Definicao-de-Curadoria.pdf) Acesso:10/09/2018.

BOTALLO, Marilúcia. Diretrizes em Documentação Museológica. São Paulo.2010 Disponível em <https://pt.scribd.com/document/205300362/BOTTALLO-Marilucia-Diretrizes-em-documentacao-Museologica-in-Documentacao-e-Conservacao-de-Acervos-Museologico> Acesso:03/11/2018.

CABRAL, Maria Luísa. Técnicas sobre *Conservação Preventiva da herança em Climats Tropicais*. Lisboa, 2007.

CAMARGO- MORO, Fernanda. *Museus: Aquisição /Documentação*. Rio de Janeiro. Livraria Eça de Queiroz. 1986

CALDERON, Valentin. *Biografia de um monumento: O antigo convento de Santa Tereza da Bahia*. Salvador, BA: UFBA, Departamento Cultural da Reitora,1 970.

CARLAN, Umpierre Cláudio. Os museus e o Patrimônio uma relação complexa. *Revista História*. São Paulo. **Historia** ,vol.27 nº2 França, 2008 . Disponível [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101). Acesso16.09.18

CERAVOLO, Suely Moraes. Uma análise sobre museus na década de 1940: o estudo de José Antonio do Prado Valladares. *História Ciências Saúde Manguinhos*, vol.19 no.2, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702012000200027](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702012000200027). Acesso 02.03.2018

CERAVOLO, Suely M. ; TÁLAMO, M. de Fátima G. *Moreira*. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia USP*, 2000: Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109390>>. Acesso 02.03.2018.

CRUZ, Marcia Socorro, MENESES, Julia Santos, PINTO, Odilon. Festas Culturais: Tradição, Comidas, e Celebrações .I Encontro Baiano de Cultura\_ IBECULT-FACOM/UFBA. Salvador –BA, 11 de Dezembro de 2008. Disponível [http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais\\_mercia.pdf](http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf) Acesso:30/08/2018.

CURY, Marília Xavier. *Exposições: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

CURY, Marília Xavier. *Novas tendências*. Museu de Astronomia e Ciências Afins. *Museu e Museologia: Interfaces e perspectivas*. Rio de Janeiro: Mast, 2009. (Mast Colloquia;11) disponível [www.ime.usp.br/~tassio/TMP/da-mana/MAST.pdf](http://www.ime.usp.br/~tassio/TMP/da-mana/MAST.pdf) Acesso:19/09/2018

CURY, Marília Xavier. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios de recepção em museus. In: Seminário de investigação em Museologia dos países de Língua Portuguesa e Espanhola, 2010, Porto. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Porto: Universidade do Porto, 2009.v.1. Disponível : <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8035.pdf> acesso 19/10/2018.

DRUMOND, Maria Cecília de Paula. Prevenção e Conservação em Museus. Cadernos Museológicos. 2006. Brasília. Disponível em [http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno\\_Diretrizes\\_l%20Completo.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_l%20Completo.pdf) acesso 04/11/2018.

D'ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, M. Garrido; FERREIRA, Sílvia R. *Conservação Postura e Procedimentos*. São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

DESVALLÉS, André, MAIRISSE, François (Ed.) *Conceitos- Chave da Museologia*. São Paulo. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura. 2013. Disponível em [http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF\\_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf](http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf) Acesso 15/08/2018

FERREZ, M. Helena; BIANCHINI, M. Helena. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória/Coordenadoria Geral de acervos museológicos, 1987.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. IV. Fórum de Museus do Nordeste, Recife, 1991. Disponível em <https://docslide.com.br/documents/documentacao-museologica-helena-dodd-ferrez..> Acesso :04/10/2018.

*Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes*. São Paulo, SP : Secretaria de Estado da Cultura, 2010.  
[http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/downloads/p\\_museologia.pdf](http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/downloads/p_museologia.pdf) Acesso:15/08/2018.

GALHARDO, D.; FACCIÓ.; N.LUZ.:J O conceito Antropológico de cadeia operatória sua aplicação e contribuição no estudo de instrumentos lícitos arqueológicos .Universidade Federal de pelotas – LEPPARQ/UFPEL.vol.12, nº23.2015. Disponível  
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/4113> Acesso:20/07/2018.

HERNANDEZ et.al. A reserva técnica do Museu de arte Sacra da Universidade federal da Bahia.Anpap- Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes plásticas .Dinâmicas Epistemológica em Artes Visuais. Florianópolis 2007. Disponível  
<http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/182.pdf> Acesso 05/11/2018.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum., Abr 2012, vol.7, no.1. Disponível< <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-03/10/2018>>. Acesso

LOUREIRO Maria Lucia de Niemeyer Matheus e LOUREIRO José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos », *MIDAS [Online]*, 1 | Disponível < <https://journals.openedition.org/midas/78>>. Acesso:11/09/2018

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. *Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas*. (2ª.ed.). São Paulo : Atlas, 2009.

MAROEVIK, Ivo. O papel da musealidade na preservação da memória. In: *Disciplina Museologia 1*;Tereza Sheiner , Rio de Janeiro, UNIRIO,s/d.

MAIA, Pedro Moacir.*O museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia*. Ano 1987. Banco Safra.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo: Edusp, 1994. Disponível < <http://www.scielo.br/pdf/anaismp>>. Acesso 28/09/2018.

MEIRELLES, Heloisa Maria Pinheiro de Abreu. Diretrizes em Conservação de Acervos Museológicos. <https://pt.scribd.com/document/205300362/BOTTALLO-Marilucia-Diretrizes-em-documentacao-Museologica-in-Documentacao-e-Conservacao-de-Acervos-Museologico> Acesso:03/11/2018.

MIRABILE, A. Reserva Técnica também é Museu. *Boletim Eletrônico da ABRACOR*, n.1 jun,2010. Disponível <.lwww.abracor.com.br/Artigo+Antonio>. Acesso25/06/2018.

PEARCE, Susan. M.Pensando sobre os objetos. Museu: Instituição de pesquisa. MAST COLLOQUIA,07.Rio de Janeiro2005. Disponível  
[ivroaberto.ibict.br/bitstream/1/940/1/mast\\_colloquia\\_7.pdf](http://ivroaberto.ibict.br/bitstream/1/940/1/mast_colloquia_7.pdf).

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. Salvador : Editora Corrupio/Petrobrás, 2009.

SANJAD, Nelson, BRANDÃO, Carlos Roberto F. A exposição como processo comunicativo na política curatorial. In: JULIÃO, Leticia; BITTENCOURT, José Neves. Cadernos de diretrizes museológicas 2: Mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Brasília. Ministério da Cultura. Disponível

<[http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno\\_diretrizes\\_museologicas\\_2.pd](http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno_diretrizes_museologicas_2.pd) >  
Acesso 11/10/2018.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO PARANÁ. *Princípios básicos da Museologia*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 2006.

SILVA, Sabrina Damasceno. *Curadoria em Museus de Historia Natural: Processos Disruptivos na Comunicação da Informação em Exposição Museológica de longa duração*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015. Disponível <[idi.ibict.br/bitstream/123456789/786/1/tese%20Sabrina%20Damasceno%20versão%20aprovada.pdf](http://idi.ibict.br/bitstream/123456789/786/1/tese%20Sabrina%20Damasceno%20versão%20aprovada.pdf)>.

SOUSA, Tatiana Bonfim. *Biblioteca do Museu de Arte Sacra da UFBA: relevância histórica e social*. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos, Salvador, 2015. Disponível <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/21265/1/Dissertacao%20pos%20defesa%20-%20Revisão%2019%20maio.pdf>> Acesso:27/09/2018

SMIT, Johanna. *O que é documentação*. São Paulo: Editora Brasiliense. Coleções Primeiros Passos, 2005.

SMIT, Johana. A documentação e suas diversas abordagens;in MAST COLLOQUIA,10.Rio de Janeiro.2008. Disponível<[http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/933/1/mast\\_colloquia\\_10.pdf](http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/933/1/mast_colloquia_10.pdf) Acesso 29/10/201>.

TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org); BARBOSA, Marilene Lobo Abreu; VARELA, Aída (Org.). *Reitores UFBA: de Edgar Santos a Naomar de Almeida Filho*. Salvador, BA: UFBA, 2011. Disponível:  
[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5294/1/Reitores\\_UFBA\\_Digital.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5294/1/Reitores_UFBA_Digital.pdf).  
Acesso20/09/2018.

TANUS, Gabriele Francine. Arquivos, Bibliotecas e Museus: Varias Histórias. Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação . V28, nº1  
<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/37>.

TALENTO.Biaggio .HOLANDA. Helenita Yolanda Monte de. *Basílicas e capelinhas: um estudo sobre a história, arquitetura e arte de 42 Igrejas de Salvador*. Salvador : Editora Solange Talento, 2006.

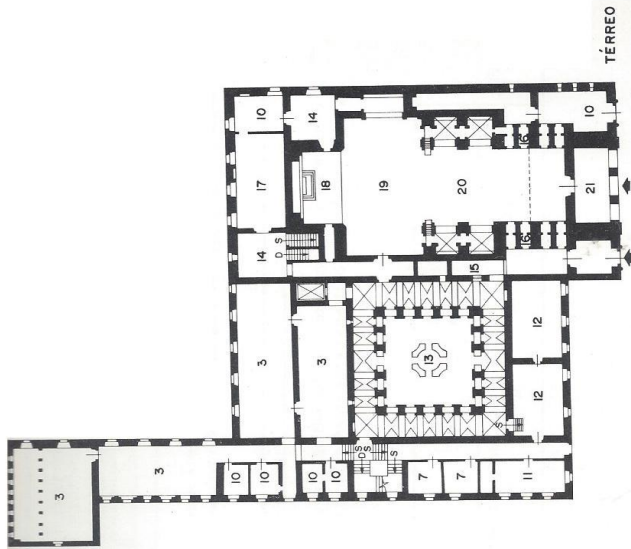
VARINE, Hugues de .O museu comunitário como processo continuado. *Cadernos do Ceom* V.27.n.21,2014. Disponível:  
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2595/1495>  
Acesso20/09/2018.

VITAE (ORGANIZAÇÃO).Segurança nos Museus. São Paulo, SP: EDUSP, Vitae,2003.40p.(Museologia: Roteiros práticos, 4). Disponível  
[http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download\\_arquivo/roteiro4.pdf](http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro4.pdf) Acesso: 22/09/2018.

WAZENKENKI, Verlaina Fatima, COSTA, Heloisa Helena. A importância das ações educativas nos museus. Revista de História e Geografia Ágora.V.17,n.02. Disponível  
[www.google.com.br/search?q=A+importancia+das+ações+educativas+nos+museus&rlz=](http://www.google.com.br/search?q=A+importancia+das+ações+educativas+nos+museus&rlz=)  
[Acesso](#) 05/11/2018

# Anexos (1)

Planta baixa do Museu de Arte Sacra em 1975.



## LEGENDA / USO ATUAL

- 1 CARPINTARIA
- 2 COZINHA
- 3 SALÃO DE EXPOSIÇÃO
- 4 EXPOSIÇÃO / ANTIGA COZINHA
- 5 DEPOSITO / ANTIGA CASA FORTE
- 7 SANITÁRIOS
- 8 VESTIÁRIO
- 9 ATELIER DE RESTAURAÇÃO
- 10 DEPOSITO
- 11 DIRETORIA
- 12 ADMINISTRAÇÃO
- 13 CLAUSTRO
- 14 SALA
- 15 PORTARIA

- 16 CONFECIONÁRIOS
- 17 SACRISTIA
- 18 CAPELA MOR
- 19 TRANSEPTUM
- 20 NAVE
- 21 GALILÉ
- 22 SALÃO DE CONFERÊNCIAS
- 23 AR CONDICIONADO
- 24 BIBLIOTECA
- 25 ORATÓRIO
- 26 CÔRO
- 27 APARTAMENTO

